



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO**



ARIADNE SELENE

PARTO

Mariana
2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO**



ARIADNE SELENE

PARTO

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karina Gomes
Barbosa

Mariana
2016

S464p

Selene, Ariadne.

Parto [manuscrito] / Ariadne Selene. - 2016.

63f.:

Orientador: Prof. Dr. Karina Gomes Barbosa.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social.

1. Cinema - Teses. 2. Feminismo - Teses. 3. Maternidade - Teses. I. Barbosa, Karina Gomes. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 791

Ariadne Selene

Curso de Jornalismo – UFOP

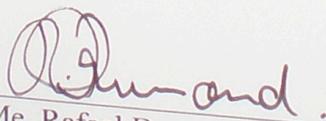
Parto (filme de ficção - produto)

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa.

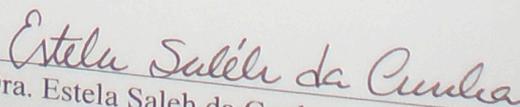
Banca Examinadora:



Prof. Dra. Karina Gomes Barbosa



Prof. Me. Rafael Drumond



Prof. Dra. Estela Saleh da Cunha.

Mariana, 10 de maio de 2016.

Gostaria de dedicar esse produto em especial à minha mãe, uma mulher extremamente forte, independente e batalhadora.

Esse produto é um sonho distante de liberdade para nós, mulheres.

AGRADECIMENTOS

À minha família que foi minha maior inspiração;

Aos meus amigos, em especial Amanda, Raquel, Nina e Edmar, que estiveram do meu lado e me ajudaram a tornar esse projeto real;

À equipe “Untitled” que se dispôs a trabalhar comigo com bom humor, paciência e eficiência.

RESUMO

O curta-metragem ficcional *Parto* traz consigo a temática machismo explorada de forma metafórica e simbólica. A história gira no cotidiano de Ângela e Jéssica, duas amigas que se reencontram em um momento delicado na vida: a gravidez. Suas escolhas e caminhos estarão permeados por situações machistas em que elas lutarão contra isso, desconstruindo esses valores. Para o desenvolvimento do curta, foram estudadas teorias do cinema, além correntes feministas dentro e fora da área audiovisual. A influência da mídia, algo que está presente no curta-metragem, também foi analisada. A proposta é expor o machismo e desconstruí-lo, em busca de alternativas para a libertação feminina.

Palavras-chave: audiovisual; feminismo; maternidade; gravidez; aborto.

ABSTRACT

The fictional short film *Parto* brings the male chauvinism as theme, explored in symbolic and metaphorical way. The history turns around Ângela's and Jéssica's routines, friends that find each other in a delicate moment in life: pregnancy. Their choices and paths will be permeated by male chauvinists situations in which they will fight against it, deconstructing these values. For the development of the short film, the theories of cinema and feminist currents inside and out the audiovisual field were studied. Mediatic influences, something present in the short film was also analysed. The proposal is to expose the male chauvinism and deconstruct it, in search of alternatives for female freedom.

Keywords: audiovisual; feminism; maternity; pregnancy; abortion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
1.1 Problematização.....	09
1.2 Objetivos.....	11
1.2.1 Objetivos gerais.....	11
1.2.2 Objetivos específicos.....	12
1.3 Justificativa.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 Cinema.....	15
2.2 Feminismo e teorias feministas no cinema.....	17
2.3 Influência midiática.....	25
3 A HISTÓRIA	27
3.1 Argumento.....	27
4 CRONOGRAMA	30
5 DIÁRIO DE BORDO	31
5.1 Roteiro.....	31
5.2 Pré-produção das gravações.....	45
5.2.1 Atores.....	45
5.2.2 Locações.....	46
5.2.3 Cenário, figurino e extras.....	48
5.3 Gravações.....	51
5.4 Pós-produção.....	55
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

Foi escolhido um produto audiovisual para o trabalho de conclusão de curso em jornalismo. Ele consiste em um curta-metragem de ficção que aborda o tema machismo. São trabalhadas as teorias do cinema junto às teorias feministas do cinema para que o curta-metragem ganhe maior profundidade com o assunto proposto.

Por se tratar de uma linguagem audiovisual, é necessário um estudo sobre as teorias do cinema a fim de entender o processo de linguagem e os estudos culturais contidos no cinema que, além de uma sétima arte e entretenimento, pode representar a sociedade e trazer reflexões sociais de muitos temas, como o próprio machismo.

Adentrando neste tema, os estudos sobre as teorias feministas no cinema são o principal apoio para se entender como a mulher é representada no cinema e de que maneira é possível desconstruir essa visão machista tão naturalizada nos filmes, com destaque para os filmes de Alfred Hitchcock, no cinema clássico de Hollywood.

As mulheres geralmente são representadas de forma machista no cinema comercial. Raramente possuem voz e estão quase sempre ligadas ao patriarcado e ao desejo do homem. Mesmo exercendo o papel de protagonista, ela é vista de forma masculinizada - ou pelo olhar do homem. Além de ser utilizada como símbolo sexual, uma mulher fútil, de forma sexista. Um outro fator que também prejudica o discurso da mulher é a ausência de mulheres como roteiristas, diretoras, produtoras, entre outras. Por geralmente se tratarem de obras produzidas por homens, possuem o olhar masculino e, na maioria das vezes, machista. A mulher é a *femme fatale*, a mãe ou a esposa. Então, quando não é um objeto sexual, ela representa a maternidade.

Todavia, é preciso destacar que essa representação da mulher ocorre na maioria dos filmes comerciais, que são poucos explorados em questões sociais e visam, de fato, o lucro. Há exceções, como em todos os casos. Há mulheres diretoras em filmes de grande sucesso, mesmo que mantenham a linha machista de representação. Exemplos são Catherine Hardwicke, que produziu *Crepúsculo* (2008), e Debra Granik, que produziu *Inverno da Alma* (2011) e fez com que Jennifer Lawrence concorresse ao Oscar de melhor atriz.

Por outro lado, há mulheres que estão inseridas no meio e buscam essa desconstrução. É o caso de Shonda Rhimes. Ela usa mulheres como protagonistas e elas costumam ser personagens poderosas, fortes, independentes. Ela já produziu séries famosas como *Grey's Anatomy* (2005 -) e *Scandal* (2012 -). Sua obra mais recente e que rendeu o Emmy de melhor atriz à Viola Davis é a série *How To Get Away With Murder* (2014 -). A série conta a história de Annalise Keating, uma advogada criminal famosa por nunca ter perdido um caso. Há uma

cena em que ela defende uma mulher por ter matado o amante, dizendo que somente elas - mulheres - poderiam entender o que é viver com medo e saber que a polícia não lhe daria ouvidos.

Levando em consideração os demais filmes, produzidos em sua maioria por feministas, que desconstruem a imagem da mulher como dona de casa, sensível, frágil, para se criar um curta-metragem que também consiga abordar este tema, o curta-metragem representa o machismo e, ao final, o desconstrói. Ele também está presente de forma simbólica.

As personagens principais são mulheres, Ângela, e sua amiga, Jéssica. As duas são opostas em termos de arquétipos. Ângela é uma mulher extremamente reprimida e Jéssica é uma mulher mais libertadora. Enquanto uma é a representação da imagem que comumente se faz da mulher, a outra é o oposto, e nem por isso elas não são amigas e não enfrentam as mesmas situações.

A estética do filme trabalha com tons pastéis, planos fechados que enfoquem na introspecção das personagens, em alusão à subjetividade. Uma abordagem introspectiva dos personagens consegue expor o tema em uma linguagem mais simbólica e conceitual, sem deixar de representar uma realidade vigente. Filmes e seriados como *Madmen (2007 - 2015)*, *Thelma & Louise (1991)*, *Tomates Verdes Fritos (1991)* e *A Excêntrica Família de Antônia (1995)* serão algumas das inspirações visuais e narrativas para a construção do curta-metragem.

O foco está nas personagens e são expostos os pontos de vistas de Ângela e situações do seu cotidiano, assim como os de Jéssica. Desde criança Ângela é impedida de agir de acordo com sua vontade por “ser mulher” e necessitar seguir determinados padrões que não só a mídia ajuda a difundir, mas sua família também. Como ela não quer se sentir rejeitada, passa sua vida reforçando estereótipos, até por fim se libertar.

1.1 Problematização

A subvalorização da mulher é algo que ocorre há séculos. O termo machismo prega a ideia de inferioridade da mulher, em uma dominação masculina. Daniel Welzer-Lang (2001) expõe a dominação visível dos homens sobre as mulheres:

Os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Esta dominação se exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos. Um setor dos estudos feministas atuais tende, aliás, a quantificar estes privilégios e a mostrar concretamente os efeitos da dominação masculina. A política atual, que, em nossa sociedade, visa a diminuir as “desigualdades”, não deve nos deixar esquecer que elas perduram, sob pena de tomarmos nossos sonhos por realidade e não compreendermos mais nada. (WELZER-LANG, 2001, p. 461)

Muitas mulheres se uniram para conquistar seus direitos, como é o caso das *suffragettes*, grupo de mulheres que lutaram pelo direito ao voto. As lutas contra o machismo estão presentes na história, em que a mulher busca espaço na própria história, na vida familiar, na não objetificação do seu corpo, no trabalho e em vários outros campos, e um deles é o cinema.

Não para negar que a mulher tenha uma história própria que pode, até certo ponto, ser redescoberta, mas para demonstrar que em termos da narrativa dominante no cinema, na sua forma clássica, as mulheres, do modo como têm sido representadas pelos homens nesses textos, assumem uma imagem de que têm um status “eterno” que se repete, em sua essência, através das décadas: superficialmente, a representação muda de acordo com a moda e o estilo - mas se arranhamos a superfície, lá está o modelo conhecido. (KAPLAN, 1995, p.17)

Mesmo com direitos concedidos ao longo dos anos, o machismo ainda é algo vigente na sociedade atual. Isso é representado na maioria dos filmes de Hollywood, assim com os filmes com propósitos comerciais.

[...] nos filmes de Hollywood é negada à mulher uma voz ativa e um discurso e seu desejo está sujeito ao desejo masculino. Em silêncio, elas vivem vidas frustradas ou, se resistem a essa condição, sacrificam as próprias vidas por tal ousadia. (KAPLAN, 1995, p. 24)

Um dos diretores que é muito aclamado pelo público e que é extremamente criticado pelas feministas é Alfred Hitchcock. Ele representa as mulheres como *femme fatales*, mas não dá voz a elas. Um de seus filmes com maior sucesso é *Um Corpo Que Cai (1958)*, em que ele representa as mulheres como interesseiras e sedutoras.

A mídia também é um fator disseminante do machismo. Ela é parte da sociedade e por isso reproduz discursos intolerantes já inseridos no meio, assim como ajuda a construir novos discursos. Estes discursos acabam reforçando visões machistas.

Para quem viveu imerso, do nascimento à morte, numa sociedade de mídia e consumo é, pois, importante aprender como entender, interpretar e criticar seus significados e suas mensagens. Numa cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e

muitas vezes não percebidas de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar - e o que não. (KELLNER, 2001, p.10)

Dessa forma, é preciso problematizar a maneira como o machismo está inserido na sociedade e como ele é facilmente disseminado, a ponto de estar tão enraizado que se torna cada vez mais difícil desconstruí-lo.

Muitas vezes, essa visão da mulher é vista com naturalidade pelos espectadores. O papel que ela desempenha nos filmes acaba se tornando um parâmetro para homens que esperam atitudes e comportamentos das mulheres como nos filmes e, por pressão social, as mulheres passam a adotar essas representações e as trazem para a realidade. Porém, é raro quando ocorre o fator inverso, então é preciso problematizar esse processo e mostrar às mulheres que, sim, elas podem escolher como ser, agir, pensar e se comportar diante da sociedade.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Produzir um curta-metragem de ficção para discutir o machismo que está inserido nos filmes, seriados, na mídia em geral e, especialmente, na construção do indivíduo. Entendendo o cinema como um meio de comunicação em que é possível representar uma cultura, o curta-metragem foi produzido buscando uma reflexão sobre essa cultura e sua disseminação, assim como propõe sua desconstrução.

As raras exceções da representação da mulher no cinema são os filmes politicamente feministas e os que tratam da questão da mulher, como *Thelma & Louise (1991)*, *Tomates Verdes Fritos (1991)*, *As Virgens Suicidas (1999)*, *As Horas (2002)*, entre outros. O objetivo do curta se assemelha muito a esses filmes, que trazem consigo a temática da opressão feminina e ainda assim conseguem propor um debate sobre as formas como a mulher é tratada e julgada pela sociedade. Nesses filmes, as mulheres entram em uma luta interna e externa por liberdade e, mesmo que o fim seja trágico, com exceção de *Tomates Verdes Fritos (1991)*, a morte do papel social delas representa o ápice da liberdade, como se elas a atingissem com a morte. O que também é uma reflexão de que ainda é muito improvável uma sociedade em que as mulheres sejam, de fato, livres e vivas. Pois ainda há um longo caminho a ser percorrido para a emancipação feminina.

O curta-metragem tem essa mesma abordagem, em uma representação da repressão sofrida pelas mulheres. A ideia não é inserir o machismo de forma óbvia, a parecer que o curta se trata exclusivamente disso, mas é na construção das personagens e no desenvolvimento da trama que será perceptível o tema.

As situações criadas no curta-metragem também buscam uma identificação. A ideia é que mulheres possam assistir à trama e nutrir empatia pelas personagens. Caso isso não ocorra, que elas possam, ao menos, perceber que estas circunstâncias não ocorreriam se o machismo não existisse.

Ainda, o curta traz uma discussão sobre a influência da mídia nesse processo de disseminação dos discursos machistas, além dos padrões estabelecidos por ela, que na maioria das vezes desvalorizam a mulher e a colocam apenas como um corpo. A mídia que tenta dizer como as mulheres devem ser e se comportar, o que elas devem fazer para serem respeitadas, “mulheres de família”. Além de destacar seu suposto papel na sociedade: ser mãe. Mas não somente isso, também seu desejo e instinto para a maternidade. A priori, esse discurso é reforçado para que seja possível percebê-lo. Entretanto, ao final da história, ele será desconstruído.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Discutir a importância do cinema na construção das representações com base nas teorias do cinema;
- b) Discutir e refletir sobre o machismo e feminismo à luz das teorias feministas do cinema, por meio de um curta-metragem ficcional;
- c) Propor uma discussão sobre identificação e trazer reflexão sobre o assunto;
- d) Mostrar a comunicação e a mídia como fatores imprescindíveis para a disseminação de discursos machistas.

1.3 Justificativa

O Regulamento de Projetos Experimentais em Jornalismo propõe no artigo 4 que “Os Projetos Experimentais deverão privilegiar temáticas das áreas de Comunicação, sendo desejável a articulação com atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pelo Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto” (2013, p. 2).

O curso de Jornalismo da UFOP possui disciplinas voltadas para o audiovisual, como Introdução ao Jornalismo Audiovisual, Telejornalismo, Documentário, Introdução ao Cinema, Produção e Experimentação Audiovisual. Ou seja, cinema está inserido no curso assim como faz parte da área de Comunicação. Fazer cinema, portanto, é comunicar. É representar uma realidade.

O cinema possui um papel importante na construção e análise da sociedade. Ele não é meramente uma área do entretenimento. Na época da montagem soviética, Eisenstein discute sobre o comunismo em seus filmes, sendo importante para a representação da luta de classes em *O Encouraçado Potemkin (1925)* e em especial *Outubro (1927)*.

Dessa forma, é possível se apropriar da linguagem cinematográfica e falar sobre um determinado conflito que ocorre na sociedade. O machismo é um deles e ainda é pouco discutido, até mesmo nas universidades. Fernando Mascarello diz que:

Tanto os estudos feministas quanto os estudos gays, lésbicos e transgêneros têm um primeiro movimento de criticar as representações sociais estereotipadas, os silêncios e as opressões. Essa abordagem sócio-histórica é fundamental para quebrar núcleos de misoginia e homofobia, ao demonstrar que as diversas sociedades e os vários tempos históricos lidaram de forma bastante diversificada com as dualidades masculino/feminino e heterossexualidade/homossexualidade (para além delas). O preconceito se expressa na sociedade, pelas violências físicas e simbólicas; na política, ao ser considerado um tema menor diante das transformações conduzidas pelos partidos e pelos sindicatos; e na universidade, ao não se legitimarem esses estudos em pé de igualdade com correntes de pensamento mais tradicionais. (MASCARELLO, 2012, p. 381)

Partindo desse pressuposto, é necessário discutir esse problema que afeta a sociedade todos os dias e levá-lo ao campo não só da comunicação, mas da política, para reforçar o movimento.

Apesar de ser um curta de ficção, ele consegue representar uma realidade vigente e dialogar com ela. A temática do machismo foi escolhida por ele inferiorizar a mulher. Portanto abrange a misoginia, que é o desprezo pelo gênero feminino. Está ligado à violência contra a mulher, quando ela é agredida simplesmente por ser mulher. Muitos homens sentem ojeriza por mulheres, enxergando-as apenas como um objeto sexual.

A ênfase será o machismo no cotidiano de duas mulheres que tentam sobreviver à sociedade e à mídia que se utilizam de discursos machistas. Elas irão se impor perante os atos machistas ou se libertando deles.

A abordagem do tema com uma história fictícia no curta permite explorar recursos audiovisuais. Planos fechados e abertos, as próprias convenções do cinema e mudanças no modo de captar para impactar e sustentar o argumento, ou contrastar. Além das questões

técnicas, é possível explorar a metáfora e criar um cenário imagético que retrata direta e indiretamente o assunto proposto, dialogando com o mesmo.

Uma vez que o assunto diz respeito à sociedade, mostrá-lo com personagens e ambientes fictícios denota a ideia de que este fenômeno pode acontecer em qualquer lugar, independentemente de quem seja. Mesmo que haja diferentes tipos de machismo ao redor do mundo e que cada situação seja única.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Cinema

O cinema teve seu início por volta de 1895 e ainda apresentava características instáveis, se modificando constantemente. A primeira imagem a ser gravada foi feita pelos irmãos Lumière e se tratava de uma chegada de trem, com pessoas saindo dele e andando rumo a seus destinos. É um vídeo curto, de em média um minuto. Mas sua exibição chocou os espectadores, que, mesmo com a imagem sem som e em preto e branco, fez com que muitas pessoas levantassem e saíssem correndo da sala de exibição, acreditando que era um trem de verdade. Foi uma revolução para a época.

Assim, começaram os estudos sobre a função do cinema. Ele passou por várias transformações sobre narrativa, equipamentos, formas de gravar, iluminação, até chegar no modelo que conhecemos hoje. É importante destacar as vanguardas e outras formas alternativas que surgiram ao longo dos anos e reinventaram o cinema. É o caso da Nouvelle Vague e o Neorealismo Italiano, mas existem outros.

No Neorealismo Italiano houve um olhar voltado para a sociedade visando mostrar os problemas vividos no pós-guerra. Um destes problemas foi a condição da mulher. O realismo buscava a forma mais original e próxima do real de relatar um fato, porém o Neorealismo Italiano veio justamente para quebrar esta ideia. Segundo Micciché (1978) citado por Mascarello (2012, p.202)

Minha postura quanto ao realismo implica numa transfiguração da realidade. A arte não é a reprodução de meros documentos. Se nos contentarmos em colocar a câmera na rua ou entre paredes verdadeiras, só poderemos chegar a um realismo de todo exterior. Para mim, o realismo não exclui de modo algum a ficção, nem todos os meios classicamente cinematográficos.

O curta-metragem também pretende exibir uma realidade atual, que é a condição da mulher, ou seja, o machismo vivido por ela dia após dia. Mas, assim como no Neorealismo Italiano, há uma busca pela representação da realidade e não sua documentação. Entendendo que a representação seja:

Para ele (Stuart Hall), representar é usar a língua/linguagem para dizer algo significativo ou representar o mundo de forma significativa a outrem. A representação é parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e intercambiado entre os membros de uma cultura. Ou, de forma mais sucinta, como veremos a seguir, representar é produzir significados através da linguagem. Descrever ou retratar, junto a simbolizar e significar. (SANTI, H.; SANTI, V., 2008, p. 04)

A Nouvelle Vague, por outro lado, foi uma vanguarda que contava com jovens amadurecidos após a Guerra Fria e de uma Europa coberta de imagens, tanto do cinema como da televisão, e também da publicidade. A vanguarda propunha a ideia de ruptura. Inspiraram-se em clássicos americanos, em destaque para Alfred Hitchcock. Geralmente traziam *femme fatales*, além de muitas inovações cinematográficas. Mas o que mais atrai é a beleza estética dos filmes, principalmente de Truffaut e Godard.

Apesar de conter alguns pontos machistas nos filmes, ao colocar as mulheres como sedutoras e interesseiras, são um ótimo exemplo visual. A estética dos filmes é bela, mesmo que se repita propositalmente. A maioria dos filmes foi produzida em preto e branco, o que não será o caso do curta, mas sem dúvida ele se inspirará na Nouvelle Vague para a construção visual das cenas.

Bazin atentava para o movimento e para o arranjo dos elementos no quadro ou na tomada a fim de observar como se podia gerar o significado. O movimento e o posicionamento das figuras, a posição da câmera, a iluminação, o planejamento da cena, o uso do foco de profundidade, tudo merece maior atenção nesta perspectiva. Significativamente, todos estes aspectos também aumentam a ilusão de realidade, constituindo assim a “arte” do filme. (TURNER, 1997, p. 43)

O cinema é visto como arte, mas também possui papel social. Fazer cinema é comunicar-se. É representar algo ou alguém, uma realidade fictícia ou não. Consequentemente, é preciso refletir sobre a influência do cinema no modo de vida de um indivíduo. “Os filmes são, portanto, produzidos e vistos dentro de um contexto social e cultural que inclui mais do que os textos de outros filmes. O cinema desempenha uma função cultural, por meio de suas narrativas, que vai além do prazer da história.” (TURNER, 1997, p. 69)

Esta função cultural pode ser a de trazer reflexão sobre posições políticas, como o feminismo. Isto também inclui a subjetividade de quem está produzindo. Para se analisar a função cultural do cinema, é preciso adentrar nos estudos culturais. Através de um estudo dos significados sociais gerados pela cultura, que nada mais é que o sistema e forma de viver de uma sociedade, em que se incluem televisão, rádio, moda, esportes, música e cinema. No caso do cinema, ele se utiliza de imagens, sons, signos para significar algo e então produzir um processo social de representação.

A “cultura” foi redefinida como o processo que constroi o modo de vida de uma sociedade: seus sistemas para produzir significado, sentido ou consciência, especialmente aqueles sistemas e meios de representação que dão às imagens sua significação cultural. O cinema, a televisão e a publicidade tornaram-se assim os principais alvos de pesquisa e análise “textual”. (TURNER, 1997, p. 48).

Um curta-metragem, por definição, é um filme com duração de até 30 minutos. “O curta-metragem está mais próximo do formato poético porque exige uma caracterização hábil, um estilo narrativo comprimido e algo novo e direcionado a ser dito.” (RABIGER, 2007, p. 152).

Ainda de acordo com Rabiger (2007, p. 153), um curta-metragem deve ter:

- Um cenário limitado, mas evocativo;
- Personagens envolvidos em uma forma importante de luta;
- Um personagem que se desenvolva - mesmo que pouco;
- Uma solução que deixa o público pensando sobre algum aspecto da condição humana.

Dessa forma, a ideia do curta é explorar o machismo, de forma poética, metafórica, no cotidiano das personagens principais, Ângela e Jéssica. O cenário se restringe às suas casas e ambiente de trabalho, para que o espectador possa conhecê-las no seu dia-a-dia. O machismo será a luta das personagens, porém o foco principal está na gravidez de ambas, de forma a poder explorar as condições machistas que são impostas à mulher no período de gestação.

O personagem que mais se desenvolve é Ângela, já que ela é a mulher mais reprimida da história. Porém Jéssica é fundamental para a emancipação de Ângela. Ao final da história, pretende-se trazer uma reflexão sobre a condição da mulher na sociedade atual e uma crítica ao machismo.

2.2 Feminismo e teorias feministas no cinema

Machismo é um termo designado para situações de desigualdade que diz respeito às questões de gênero. Geralmente o papel do homem é super valorizado e o da mulher desvalorizado. Também está relacionado à misoginia, que é o ódio pelo gênero feminino.

Maria de Fátima Araújo, em seu artigo “Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate”, classifica gênero como:

O termo “gênero”, na sua acepção gramatical, designa indivíduos de sexos diferentes (masculino/feminino) ou coisas sexuadas, mas, na forma como vem sendo usado, nas últimas décadas, pela literatura feminista, adquiriu outras características: enfatiza a noção de cultura, situa-se a esfera social, diferentemente do conceito de “sexo”, que se situa no plano biológico, e assume um caráter intrinsecamente relacional do feminino e do masculino. (ARAÚJO, 2005, p. 42).

Ele trata de estereótipos que estão relacionados ao papel do homem e da mulher na sociedade. São atitudes e comportamentos conferidos a um determinado gênero. É o que diferencia masculino do feminino. O gênero masculino está ligado à força, proteção, segurança, coragem. O feminino, por outro lado, é representado por fragilidade, submissão, obediência, pureza ou inocência. São termos opostos, mesmo que complementares. A mulher é vista como esposa e mãe, em contrapartida com o homem, trabalhador independente e provedor da família.

É importante ressaltar que estas questões de gênero são estereotipadas e representadas na grande parte da mídia e da sociedade. Nem todo homem ou mulher se encaixa nesse papel. Não é por uma pessoa nascer homem que ela será automaticamente machista e opressora, assim como também é possível ver casos de mulheres reproduzindo machismo, mesmo elas sendo as maiores prejudicadas.

A responsável por essa estereotipação é a heteronormatividade que divide homens e mulheres por seus órgãos genitais para que, conseqüentemente, possam desempenhar um papel previsto na sociedade. Porém, questão de gênero é algo muito mais amplo, que aborda identidade de gênero - pessoas que se identificam com seu sexo, ou não, ou até mesmo que não se identifica com nenhum sexo -, papéis sociais, entre outros.

Maria de Fátima Araújo fortifica este posicionamento quando diz:

Há uma enorme diversidade de identidades de mulheres e homens, que supera essa classificação masculino/feminino; a categoria macho/fêmea suprime as diferenças dentro de cada categoria. A única alternativa é, pois, recusar a oposição igualdade/diferença e insistir continuamente nas diferenças como a condição das identidades individuais e coletivas, como o verdadeiro sentido da própria identidade. (ARAÚJO, 2005, p. 46).

Feminismo é uma resposta a essa desigualdade de gêneros. É um movimento que surgiu no final do século XIX e tem como objetivo principal a luta pela igualdade de direitos entre os sexos. Sabe-se que homens e mulheres são distintos biologicamente, mas o papel que eles desempenham na sociedade não deveria estar ligado a essa característica biológica e simbólica - de possuir ou não determinado órgão sexual - e sim às suas características como

indivíduo, suas habilidades, desejos e peculiaridades. E era isso que Simone de Beauvoir se referia com a famosa frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”.

A chave do surgimento desses grupos reside na visibilidade pública para combater preconceitos e formas de exclusão, muitas vezes associados aos discursos médico, legal e religioso, bem como na busca da igualdade de direitos em uma sociedade marcada pela universalização dos valores do homem euro-norte-americano, adulto, heterossexual e branco. (MASCARELLO, 2012, p.379).

Esses valores têm origem no patriarcado, a concepção do homem como a maior autoridade. Isso cria uma hierarquização, em que o homem está no topo e tende a manter-se nele propagando a desigualdade com discursos moralizantes. O maior beneficiado é o homem. E em relação à família, ele assume o papel de anfitrião, o responsável por ela, pela casa, se sentindo no direito de decidir por sua mulher e filhos. Antigamente, era comum os pais planejarem o casamento das filhas, tirando delas a escolha.

Beauvoir, com seu livro *O Segundo Sexo* (2009), salienta que a mulher é como um Outro do homem, exercendo papel secundário e tirando a individualidade da mulher, tornando-a submissa e sem liberdade. O que também é parte da objetificação, de enxergar a mulher como um corpo. Ela questiona o que é ser mulher, em que diz que está muito além de possuir um útero e sim do que a sociedade prega como “feminilidade”, que é o “tornar-se mulher”.

A feminilidade é uma espécie de “infância contínua” que afasta a mulher do “tipo ideal da raça”. Essa infantilidade biológica traduz-se por uma fraqueza intelectual; o papel desse ser puramente afetivo é o de esposa e dona de casa; ela não poderia entrar em concorrência com o homem: “nem a direção nem a educação lhe convém”. Como na opinião de Bonald, a mulher é confinada à família e nessa sociedade em miniatura o pai governa porque a mulher é “incapaz de qualquer mando, mesmo doméstico”; ela administra tão-somente e aconselha. Sua instrução deve ser limitada. “As mulheres e os proletários não podem nem devem tornar-se autores, como, aliás, não o desejam.” (BEAUVOIR, 2009, p. 144).

Para ela, a liberdade da mulher só pode ser alcançada a partir de sua individualidade. Ela sugere o trabalho, mas também leva em consideração que para a mulher é extremamente mais difícil conciliar o trabalho com a casa, tarefa que ainda é designada quase exclusivamente à mulher, enquanto o homem só precisa trabalhar.

Um filme que desestrutura o patriarcado é *A Excêntrica Família de Antonia* (1995), em que o homem é excluído da relação familiar. A história conta a vida de Antonia e de sua família, que foge dos padrões de uma família “tradicional”. Para começar, Antonia decide não se casar. Ela tem uma filha lésbica que resolve engravidar. Antonia vai com sua filha à cidade

para ajuda-la a conseguir um homem para reprodução. Sua filha então engravida e não se casa. A neta de Antonia se torna uma intelectual que engravida por engano, cogita a hipótese de abortar, mas acaba tendo a criança, porém a negligencia. Todos esses acontecimentos são aceitos por Antonia.

O longa-metragem quebra com o conceito de patriarcado, pois exclui o homem da linhagem familiar. Por mais que ele seja necessário para reprodução, o foco são as mulheres. Os homens oferecem ajuda no filme, mas Antonia se mostra apta a resolver qualquer problema, inclusive enfrentar o estuprador de sua neta. Não somente ela, mas as mulheres à sua volta também. O filme desconstrói a ideia da mulher burra, fútil, com instinto materno e que sonha em casar e ter filhos, como a neta de Antonia, que se vê interessada mais pela matemática do que em ser mãe.

Outro filme que também trata do assunto é *As Horas* (2002). Visualmente ele é um bom exemplo de como o curta pretende ser construído. Ele traz a história de três mulheres que estão interligadas pelo livro *Mrs. Dalloway* (1995), de Virginia Woolf. Uma das personagens, inclusive, é a própria escritora que está escrevendo o livro, ainda inacabado. Ela sofre de um vazio que não sabe explicar. A outra personagem é lésbica, e se encontra na mesma situação que Mrs. Dalloway, do livro já finalizado. A terceira personagem é uma mulher que está presa ao casamento, grávida novamente e não se sente em um lugar só seu, até cogita o suicídio, mas resolve abandonar o marido e os filhos.

O filme desconstrói a ideia do homem como o centro da relação familiar, assim como o papel da mulher como dona de casa. As três personagens se tornam independentes, mesmo que uma tenha um fim trágico, que é Virginia Woolf. A escritora produziu um livro chamado *Um Teto Todo Seu* (1929), em que diz que a mulher só poderá ser escritora se possuir dinheiro e um espaço só seu.

Em relação ao trabalho, as lutas feministas encontram um grande caminho a ser percorrido. A mulher alcançou espaço no mercado de trabalho, mas ainda se encontra em uma situação de desvantagem, principalmente salarial.

Uma segunda consequência da inércia resignada das trabalhadoras foram os salários com que tiveram de se contentar. Foram propostas várias explicações para o fenômeno — que depende de um conjunto de fatores — de os salários femininos terem sido fixados num nível tão baixo. (BEAUVOIR, 2009, p. 151).

A imagem da mulher, vista como bela, fruto de desejo e fútil ainda é a imagem mais disseminada culturalmente, na mídia e no cinema. Essa é a mesma visão que se fazem da

mulher no mercado de trabalho. Ela raramente é levada a sério pelo simples fato de ser mulher.

Assim, a mulher ocupa uma posição inferior em relação aos homens e ainda recebe salários menores. De alguma forma, ela não é considerada tão apta quanto um homem para realizar o mesmo trabalho. Essa imagem da mulher está intrinsecamente ligada à objetificação de seu corpo. É muito comum ouvir a frase “lugar de mulher é na cozinha”, dando a entender que essa é a função que ela consegue executar com maestria.

Um dos problemas essenciais que se colocam a respeito da mulher é, já o vimos, a conciliação de seu papel de reprodutora com seu trabalho produtor. A razão profunda que, na origem da história, vota a mulher ao trabalho doméstico e a impede de participar da construção do mundo é sua escravização à função geradora. (BEAUVOIR, 2009, p. 153).

Além da objetificação da mulher, existe um mito da beleza sobre a mulher. Não basta ser vista como um objeto sexual, ela também precisa estar impecavelmente bela para atrair homens. Cria-se uma indústria de beleza toda em cima desse ideal de “mulher perfeita”, o que faz com que muitas mulheres arrisquem suas vidas em cirurgias plásticas e gastem seu tempo, energia e dinheiro em busca da ilusória perfeição.

Estamos em meio a uma violenta reação contra o feminismo que emprega imagens da beleza feminina como uma arma política contra a evolução da mulher: o mito da beleza. Ele é a versão moderna de um reflexo social em vigor desde a Revolução Industrial. À medida que as mulheres se liberaram da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social. (WOLF, 1992, p.12).

A indústria, para atrair as mulheres, faz propaganda de produtos com a intenção de que, se elas o adquirirem, conseguirão casar e ter filhos. É a ideia do patriarcado de que a mulher deve exercer o papel de mãe, pois isso está naturalizado desde o seu nascimento, por ela possuir um útero e carregar a criança durante os nove meses de gestação. Assim, os homens são excluídos desse processo, deduzindo que eles estarão trabalhando para sustentar sua futura família.

Ao passo que a mulher estava conquistando espaço fora de casa, surge o discurso de que é instintivo de toda mulher ser mãe. “Mulheres nasceram para ser mãe, o maior desejo delas é poder ter filhos”. Para isso, se casam e então passam a exercer, mais uma vez, o papel de dona de casa, voltando à submissão. Nem toda mulher quer ser mãe. Elisabeth Badinter,

escritora feminista que defende este pensamento, chega a dizer que o inocente bebê — mesmo à sua revelia — se tornou o melhor aliado da dominação masculina (BADINTER, 2010).

Essas questões são importantes, pois dizem respeito a como as mulheres são vistas pela sociedade. Existem inúmeros filmes que retratam o sacrifício que uma mãe é capaz de fazer por seus filhos. É o caso de *A Escolha de Sophia* (1982), em que a mãe possui dois filhos, um menino e uma menina, e em tempos de guerra, precisa escolher qual dos dois salvar. A escolha que ela faz a carrega pelo resto da vida como um fardo. É interessante notar a escolha do sexo da criança, o menino, que supostamente proverá para a família no futuro.

É ainda necessário destacar que o homem também é representado fazendo sacrifícios por seus filhos, mas é menos frequente existir um filme exclusivamente sobre isso. Geralmente ele é retratado como distante da família, pois está sempre muito ocupado trabalhando para sustentá-la.

Mais uma ressalva é que raramente é atribuído ao homem um instinto paterno. Pelo contrário, quando um homem é um excelente pai e se faz presente como a mãe na criação dos filhos, é visto com admiração pela sociedade. Como se, de alguma forma, isso fosse uma exceção.

Quando a mulher engravida e o homem decide não acompanhar a gravidez e também não assumir a criança isso é visto com naturalidade. O homem não é julgado a ponto de mudar algo ou tem sua moral diminuída por isso. Porém, se o contrário ocorre, a mulher é ofendida e rejeitada pela sociedade. Além do mais, é conferida à mulher uma irresponsabilidade, como se ela e somente ela fosse culpada pela gravidez. O homem se exclui nesse processo e a mulher é tratada como imoral.

Foi o cristianismo que, nesse ponto, revolucionou as idéias morais, dotando o embrião de uma alma; então o aborto tornou-se um crime contra o próprio feto. “Toda mulher que age de maneira a não engendrar todos os filhos que poderia, torna-se culpada de um número igual de homicídios, da mesma forma que aquela que procura ferir-se depois da concepção”, diz Santo Agostinho. (BEAUVOIR, 2009, p. 154).

Então se entra na polêmica do aborto. A mulher é privada do livre arbítrio de decidir sobre seu próprio corpo. Por questões sociais, ela é proibida de realizar o aborto, com o argumento de que está exterminando uma vida. Porém, uma mulher que realmente quer abortar irá encontrar formas ilegais de fazê-lo, colocando em risco a própria vida.

Não seria possível obrigar diretamente uma mulher a parir: tudo o que se pode fazer é encerrá-la dentro de situações em que a maternidade é a única saída; a lei ou os costumes impõem-lhe o casamento, proíbem as medidas anticoncepcionais, o aborto e o divórcio. (BEAUVOIR, 2009, p. 210).

A institucionalização do instinto materno e a polêmica do aborto começam a ganhar espaço atualmente e ainda veem muitos tabus a ser combatidos. A mulher é posta como uma deusa, em especial na fase de gestação, e dizer que isto não é natural desagradava homens e mulheres presos ao patriarcado.

Esse tema ainda é pouco discutido no cinema, e fez com que se tornasse atrativo para representar no curta. A dificuldade é justamente encontrar exemplos representados no cinema comercial e feminista sobre o tema.

Iniciou-se, então, um estudo sobre a representação da mulher no cinema. Foram estudadas escritoras como, Simone de Beauvoir, Naomi Wolf, Elizabeth Ann Kaplan, Laura Mulvey, Elisabeth Badinter.

O cinema possui uma vantagem que é ser popular. O cinema comercial usa da estética e dos clichês para atrair o público, então geralmente está acompanhado de estereótipos para representar a sociedade. Ele pode até possuir alguma crítica, mas em um panorama limitado para não perder espectadores. O cinema alternativo, como é o caso do cinema feminista, está mais voltado para a reflexão, a ruptura desse padrão comercial.

A intenção feminista era investigar as articulações de poder e os mecanismos psicossociais na base da sociedade patriarcal, com o objetivo último de transformar não apenas a teoria e crítica do cinema, mas também as relações sociais genericamente hierarquizadas em geral. O feminismo cinematográfico vincula-se, nesse sentido, ao ativismo dos grupos de conscientização, às conferências temáticas e às campanhas políticas que traziam à tona variados temas de particular importância para a mulher: estupro, violência doméstica, educação infantil, direito ao aborto etc., sempre em um ambiente no qual “o pessoal é político”. (STAM, 2013, p. 193).

A mulher é representada no cinema hollywoodiano e comercial como

[...] virgens, putas, *vamps*, descerebradas, interesseiras, professoras, fofoqueiras, joguetes eróticos - que infantilizavam, demonizavam ou transformavam as mulheres em exuberantes objetos sexuais. Mostraram que o machismo cinematográfico, da mesma forma como o machismo no mundo real, era multiforme: podia envolver a idealização das mulheres como seres moralmente superiores, sua inferiorização como castradas e assexuais, sua hiperbolização como mulheres fatais terrivelmente poderosas ou, ainda, apresentar-se como inveja de suas capacidades reprodutivas ou temor por serem encarnações da natureza, da idade ou da morte. O cinema deixava as mulheres sem saída. (STAM, 2013, p. 194).

O cinema feminista tenta desconstruir esta imagem prévia feita das mulheres durante todo esse tempo. É sempre um desafio, mas muitas diretoras e diretores se arriscaram nesse processo. Elas buscam a desconstrução da representação machista da mulher, procurando dar a elas uma voz legítima.

As cineastas exploram o problema da definição do feminino numa situação onde as mulheres não têm voz ativa, não têm discurso, não têm um lugar de onde possam falar, e examinam os mecanismos através dos quais as mulheres são relegadas à ausência, ao silêncio e à marginalidade, tanto na cultura como nos textos clássicos e no discurso dominante. (KAPLAN, 1995, p. 27)

Uma das inspirações é um curta-metragem francês que inverte o papel do homem e da mulher, *Maioria Oprimida (2010)*, produzido por Eleonore Pourriat. Ele mostra o cotidiano de um homem que é cantado na rua, não recebe o devido respeito e é como se a opinião dele não valesse. Ele está andando nas ruas, chegando à sua casa, quando um grupo de mulheres o assedia verbalmente. Ele responde e é, então, violentado. Quando ele dá o seu depoimento na delegacia, não acreditam que ele seja uma vítima e até mesmo sua esposa questiona as roupas que ele estava usando. Saindo da delegacia e indo para casa, o casal briga e a mulher começa a andar sozinha. Ela está usando um vestido florido pouco acima dos joelhos com um decote discreto. Neste momento, a mulher começa a ouvir cantadas, restabelecendo seu papel real na sociedade.

Este curta traz uma reflexão sobre o assédio nas ruas e, conseqüentemente, o machismo que oprime as mulheres. A proposta é extremamente interessante, pois segue um modelo que ajuda a desconstruir os estereótipos para gerar estranhamento e, por fim, reflexão. A ideia do curta a ser produzido não é inverter papéis, tampouco criar uma situação que não seja tangível na sociedade atual. É produzir algo diferente sobre o assunto. Com uma proposta diferenciada, o curta conseguirá atingir melhor seu objetivo final, que é trazer reflexão sobre a propagação do machismo na sociedade.

Um seriado que também se destaca por trazer uma reflexão da representação da mulher é *MadMen (2007 - 2015)*. A série gira em torno de uma empresa de publicidade e do publicitário Don Draper na década de 60. As propagandas que eles vendem e veem geralmente possuem mulheres bonitas e magras exibindo-se, objetificadas e falando para a mulher, dona de casa, interessada em tarefas domésticas e cuidados com beleza, corpo e filhos. Por ser um seriado de época, é muito mais visível a repressão sofrida pela mulher, principalmente naquela década.

Mesmo que o seriado traga todas estas questões em relação à mulher, em nenhum momento é gerada uma discussão explícita desse fenômeno. Pelo contrário, há diversas piadas envolvendo a burrice da mulher, sua incapacidade para a intelectualidade e sua futilidade. Todavia, essa representação causa certo desconforto e faz com que surja uma reflexão do papel da mulher na sociedade, tanto na década de 1960 como atualmente.

É exatamente assim que o curta-metragem pretende abordar o tema. Representando e reforçando o papel da mulher na sociedade com imagens de mulheres na televisão, propagandas, matérias e até mesmo em filmes. Os diálogos também são importantes para compreender a forma como o indivíduo pensa coletivamente. Porém, ao final do curta, pretende-se desconstruir essa visão, dando possibilidades às personagens principais, que enfrentarão seus problemas internos e externos e tentarão se desvencilhar daquilo que as oprime.

2.3 Influência midiática

A mídia é um instrumento para a formação da subjetividade. A mídia comunica sobre a sociedade para a sociedade. É por esse motivo que a televisão estará presente no curta-metragem, expondo essa influência na vida de Ângela, Jéssica e das pessoas ao seu redor. Dessa forma, existe uma cultura midiática. Os indivíduos, que estão inseridos nela, começam a participar dela da maneira que a própria sociedade sugere, moldando-os. É preciso

[...] sondar a natureza e os efeitos do modo como essa forma de cultura está influenciando profundamente muitos aspectos de nossa vida diária. Um de seus principais temas diz respeito ao modo como as diversas formas da cultura veiculada pela mídia induzem os indivíduos a identificar-se com as ideologias, as posições e as representações sociais e políticas dominantes. [...] O entretenimento oferecido por esses meios frequentemente é agradabilíssimo e utiliza instrumentos visuais e auditivos, usando o espetáculo para seduzir o público e levá-lo a identificar-se com certas opiniões, atitudes, sentimentos e disposições. A cultura de consumo oferece um deslumbrante conjunto de bens e serviços que induzem os indivíduos a participar de um sistema de gratificação comercial. A cultura da mídia e a de consumo atuam de mãos dadas no sentido de gerar pensamentos e comportamentos ajustados aos valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes. (KELLNER, 2001, p. 11)

O cotidiano das personagens principais, exposto no curta, será uma interpretação da influência social e midiática no comportamento e na construção dos estereótipos. No artigo de Kyrillos e Almeida (2010), elas explicam que:

Parece-nos notório, entretanto, que apesar das inúmeras mudanças jurídicas, sociais e culturais, em alguns aspectos, continua a existir uma hierarquia na qual o sexo masculino se sobrepõe ao feminino e, ademais, os papéis esperados de homens e mulheres possuem características previamente estabelecidas e constantemente reproduzidas de forma imperativa nos diferentes setores da sociedade, geralmente por meio de um processo de internalização de pré-conceitos. Neste sentido, buscamos, justamente, analisar as contribuições da mídia nesse processo de naturalização das desigualdades que comumente revestem-se de um caráter absolutista que é falacioso e prejudicial, já que é inegável o fato de que os mass media são um importante instrumento de formação e configuração social de gênero. (KYRILLOS; ALMEIDA, 2010, p. 92)

Por ser um curta-metragem, não há espaço para exibição das variadas formas de influência midiática. A opção foi usar de propagandas, trailer de filme e o rádio. Mas é preciso destacar que a influência midiática também ocorre em notícias, novelas, internet, e outras formas não óbvias.

3 A HISTÓRIA

A história acompanha a vida de Ângela e Jéssica. As personagens possuem um dilema acerca de suas ideologias e do que se espera delas na sociedade. Elas são mulheres para melhor explorar o machismo em sua rotina, as cantadas de rua e também seu comportamento em ambientes que frequentam, como o trabalho, hospital, entre outros. Suas relações cotidianas também estão em foco, para mostrar como o tratamento dado a elas se difere por elas serem simplesmente mulheres. O foco central está na gravidez de ambas, e na possibilidade de aborto.

Elas tentam se adequar aos valores disseminados tanto pela família, amigos, escola, trabalho como pela mídia em geral. Por exemplo, Ângela, uma mulher que gostaria de ser livre, se reprime para não passar uma imagem errônea de si mesma. Dessa forma, ela abandona roupas curtas para não aparentar ser uma mulher sem valor. Jéssica, mesmo tendo uma visão mais aberta, ainda se vê presa em padrões, como quando deixa de usar roupas decotadas para trabalhar para ser levada a sério.

A interação social vai estar em foco, o cotidiano das personagens e como elas reagem diante de situações e posicionamentos machistas. Também expor a forma como elas aceitam esses valores e os adotam como verdade. Por ser a única perspectiva que as personagens possuem e por conseguir associá-las no seu dia a dia, elas acabam se adaptando a esse meio.

A mídia estará presente quando Ângela estiver desempenhando papéis domésticos, supostamente reservados à mulher. Então, enquanto ela arruma a casa, um rádio estará ao fundo ou até mesmo uma televisão. Quando os personagens estiverem em espaços públicos, como uma farmácia e um hospital, também estarão propagandas machistas nestes locais.

3.1 Argumento

É preciso reforçar que o curta não exibe todo este conteúdo, pelo tempo limitado e também para garantir a fluidez da história. O conteúdo é necessário para se criar uma história concisa, com um histórico dos personagens e o que os levou a adquirir determinada personalidade, porém o que realmente é utilizado no curta é o imprescindível para a história, sem que ela perca o sentido. A infância de Ângela, por exemplo, não está explícita no curta, pois apesar de ser importante, não determina o rumo da história. De toda forma, é preciso imaginar como foi, é e será a vida de cada personagem para se manter uma linearidade que condiz com as atitudes dos personagens e a narrativa.

Ângela é uma das personagens principais do curta-metragem. Ela é mineira, morou em Belo Horizonte a vida inteira, é de classe média. Ângela é filha única e sua família sempre disse que ela não poderia usar roupas curtas, nem sair com homens e não podia ficar na rua até tarde. Ângela cresceu achando que para ser bem vista perante a sociedade ela deveria ser pura, inocente e fazer trabalho doméstico. A mídia parecia corroborar com estas ideias. A mãe de Ângela, Fátima, sempre foi uma religiosa e seu pai, Jorge, o anfitrião da casa. Eles sempre almoçam e jantam juntos, único momento em que Jorge está em casa porque vive trabalhando. Nos dias de domingo eles também assistem à programação de TV juntos. No restante da semana, Fátima passa o dia arrumando os cômodos e ouvindo rádio, só para quando precisa comprar coisas para a casa.

Aos sete anos, Ângela levantava seu vestido favorito no meio da rua, e seus pais a oprimiam, diziam que era feio. Na escola em que ela estudou, uma escola pública, foi proibida de ir de saia, porque os meninos também a levantavam. Os professores diziam que era natural os meninos agirem assim, estavam já desenvolvendo seus instintos, mas as meninas deviam ser “comportadas”.

Mais tarde, na adolescência, sua mãe e seu pai conversaram sobre educação sexual. Disseram que ela deveria esperar o cara certo e não a deixaram namorar com 17 anos. Aos 19 foi estudar administração na faculdade, UFMG, começou a sair com amigos e perdeu a virgindade. Ângela se sentiu mal na época, nunca contou para os pais porque sabia que eles iriam repudiá-la, achar que ela perdeu seu valor.

Jéssica, também uma das personagens principais, é extremamente o oposto. Ela transa com vários homens, já fez aborto, usa roupas curtas, tem tatuagens e piercings. Ângela e Jéssica foram para a faculdade juntas. As duas, na adolescência, viam as tendências de moda na internet e tentavam ser como as celebridades, mas só conseguiam ficar iguais entre si. A mãe de Jéssica é uma viúva que não recebe o mesmo salário que os demais funcionários homens da fábrica em que trabalha, e mesmo assim consegue sustentar os filhos. Jéssica reclama da vida que leva e de como gostaria de ser livre, mas acha que nunca será. Sempre teve para si a vontade de ser independente.

Com o tempo, as duas formaram e seguiram caminhos completamente diferentes e perderam contato. Ângela está casada, em um relacionamento abusivo. Se casou pois já estava com 25 anos e sofreu pressão por parte de sua mãe e pai para casar logo, pois não gostaria de ficar velha demais para não constituir família. Acabou se casando, mesmo não estando apaixonada ou interessada. Seu marido é a perfeita representação de “machão”. Ele não chega a bater em Ângela, mas a oprime de todas as outras maneiras. Ela está em um casamento sem

voz. Ainda está infeliz, pois como largou o emprego para cuidar da casa, sente que sua vida não tem sentido. Agora ela descobre que está grávida.

Jéssica, por outro lado, permaneceu na profissão e se tornou uma funcionária na empresa desde o seu estágio. É uma mulher bem sucedida, mesmo que no trabalho não possua a mesma voz que seus colegas homens. Quando está em reunião, ela sugere algo e é ignorada, mas seu colega de trabalho diz a mesma coisa e sua ideia então é ouvida. Ela não tem uma postura masculinizada e nem se impõe de forma dura com os outros, ela é uma mulher assim como Ângela ou qualquer outra. Ao contrário do que se pensa sobre mulheres empresárias, Jéssica não dedica todo o seu tempo ao trabalho, e descobre que está grávida. A princípio, teme que a criança possa atrapalhar sua carreira, além de também não estar em um relacionamento, o que a levaria a criar seu filho ou filha sozinha.

Essa parte é apenas para ter uma noção de quem são as personagens. A real história começa a partir daqui: as duas personagens se reencontram na farmácia comprando teste de gravidez. Jéssica perceberá em Ângela um olhar triste, o que irá motivá-la a conversar com ela. Jéssica então dirá que, se realmente estiver grávida, abortará e que se Ângela não desejar a criança, ela pode fazer o mesmo.

Ângela, a priori, não aceita a ideia de jeito nenhum, mas então as duas continuam a se falar. Ainda há em Ângela uma hesitação em contar ao marido. Em sua cabeça, o filho não mudará em nada seu casamento e só a fará estar mais presa nele, sem possibilidade de encontrar algum sentido para si.

Ângela perceberá que em toda sua vida acreditou nos valores ditos por sua família e pela mídia, mas que nunca precisou deles para ser feliz. Ângela se libertará do machismo que a privava de sua essência e será feliz. Ela aborta e viaja para se descobrir como mulher. Jéssica, no entanto, se inspira em sua mãe, que mesmo viúva conseguiu criar seus filhos, e decide não abortar. Ela será mãe e ainda uma empresária de sucesso.

Com este enredo, apresentam-se as ideologias de Ângela em contrapartida com suas atitudes preconceituosas. Ela não queria se casar e mesmo assim o fez, por pressão familiar. Frases machistas serão ditas ignorantemente pelos personagens. Quando Ângela estiver vendo uma cena de um filme que mostra um relacionamento abusivo, estes comportamentos serão percebidos pela própria personagem que se desvencilhará do machismo e se tornará livre.

4 CRONOGRAMA

Com o roteiro pronto, veio a busca pelos atores e das possíveis locações. Os atores são duas mulheres, Ângela e Jéssica; e dois homens, o marido de Ângela e o colega de trabalho de Jéssica. O restante dos personagens que aparece na história é figurante com falas simples apenas para dar sucessão à história.

Os principais lugares são a casa de Ângela e o ambiente de trabalho de Jéssica. O ambiente de trabalho de Jéssica, uma empresa, que poderia ser um cenário criado, com mesas de escritório em um ângulo que faça parecer um escritório ou empresa. A farmácia, cena inicial do filme, também poderia ser criada. Também há um hospital, em que acontece uma cena de Jéssica no processo de gravidez. Por fim, a rodoviária, quando Ângela decide partir.

Ainda foi preciso montar uma equipe para dar a assistência necessária. Esse processo de pré-produção foi programado para o início do último semestre. As filmagens finalizaram na metade do semestre, e a outra metade foi dedicada ao processo de edição do material produzido. Isso inclui a trilha sonora, ajustes no som, nas imagens e em tudo que envolveu a pós-produção.

5 DIÁRIO DE BORDO

5.1 Roteiro

Quando o semestre de Processos Experimentais I começou, eu e Karina decidimos por manter a primeira parte apenas teórica, para aprofundar no conteúdo e me embasar para o curta. Com o fim do semestre, ocorreu a greve, que acabou nos atrasando com os nossos prazos. A ideia era começar as gravações em setembro, mas ainda estávamos em greve. Eu comecei a escrever o roteiro em agosto, logo após a apresentação da banca. Ele, já com as alterações sofridas, ficou assim:

01.INT. CASA ÂNGELA - DIA

Um retrato de casamento aparece à estante da casa, em primeiro plano, junto com vários objetos simbolizando uma casa de família. Uma música de rádio toca ao fundo, abafada. Em segundo plano está a cozinha e Ângela, 25 anos, prepara o almoço. Seu rosto não entra em cena. Apenas seu cordão.

LOCUTOR

Mais uma mãe abandona seu filho. Que tipo de mãe faz isso?

O marido de Ângela, 28 anos, chega adiantado e vê que a comida não está pronta.

MARIDO

Nossa, cê tem que parar de ficar prestando atenção nas notícias e fazer o almoço! Tô com fome e vou ter que esperar...

Um ruído surge, discretamente. Ângela segura seu cordão e apressa a comida para entregar ao marido.

CORTA PARA

02. INT. SALA CHEFE - DIA

Jéssica, 24 anos, anda pelo corredor da empresa, em direção à sala do chefe.

CHEFE (VOZ)

Parabéns, Jéssica. Gostei muito do seu último projeto. Acabo de te dar uma promoção.

03. INT. CORREDOR - DIA

Ao voltar para sua sala, ela ouve cochichos de seu colega de trabalho, Vicente, aproximadamente 30 anos, peso e estatura normal.

VICENTE

Aposto que ela deu pra alguém e ganhou essa promoção.

O ruído começa a surgir.

04. INT. ESCRITÓRIO DE JÉSSICA - DIA

Jéssica entra orgulhosa em seu escritório e sente um enorme enjôo. Corre para o banheiro.

05. EXT. RUA - DIA

Jéssica caminha na rua, apressada. Um homem passa, dá uma olhada em Jéssica.

HOMEM

Ai se eu te pegasse... Ôô lá em casa!

O mesmo ruído é ouvido novamente. Jéssica segue seu caminho.

06. INT. FARMÁCIA - DIA

Na farmácia, a televisão está passando o programa Saia Justa.

PROGRAMA

Nossa, uma mulher ir no primeiro encontro e dar logo de cara já tá errado, aí não tá depilada?! Péssimo.

Jéssica está na seção feminina procurando testes de gravidez. Quando ela o encontra, nota que a seu lado está uma mulher com o olhar bastante triste. Ela se vira e percebe que é Ângela.

JÉSSICA

Ângela, é você? Sou eu, Jéssica, da faculdade. Tá lembrada?
Nossa, que coincidência a gente se encontrar aqui. Risos.

ÂNGELA

Nossa, Jéssica! Cê não mudou nada...

JÉSSICA

Ai, você sabe como é, a gente tem que se cuidar. Mas que cara é essa? Vamos ali conversar um pouquinho.

CORTA PARA

07. INT. LANCHONETE - DIA

Elas estão sentadas em uma mesa, uma virada para outra. Elas estão rindo.

JÉSSICA

Então, me conta: cê tá grávida?

ÂNGELA (triste)

Acho que sim, ainda não tenho certeza...

JÉSSICA

Hoje no trabalho tive um enjoô. Minha menstruação atrasou então logo fiz as contas. Mas eu não sei se é o que eu quero, e você?

ÂNGELA

Como assim? É claro que, se eu tiver grávida, eu quero. Meu marido me mata se souber que eu sequer pensei outra coisa.

JÉSSICA

Olha, fiquei muito feliz em ver você. Me procura se precisar de alguma coisa. Eu tenho o número de uma clínica segura, se você precisar. Podemos até ir juntas.

ÂNGELA

Eu também fico feliz em te ver. Vamos continuar nos falando. O que você anda fazendo?

JÉSSICA

Tô trabalhando na empresa desde a época do estágio. Hoje mesmo ganhei uma promoção, tô super feliz! E você?

ÂNGELA

Ah... Eu me casei, sabe como é. Minha mãe falava que eu tava ficando velha e tinha que casar logo. Como meu marido trabalha muito, prefiro ficar em casa cuidando das coisas pra quando ele chegar tá tudo no jeito.

JÉSSICA

Nossa... Cê não fica entediada? O dia inteiro em casa...

ÂNGELA

Eu assisto muita TV. Também escuto a rádio e claro, não fico sem meu celular. Me adiciona!

JÉSSICA

Bom, então a gente vai se falando, ok?! Eu já tenho que voltar pro trabalho. (Mostra a sacola da farmácia) E descobrir o que vou fazer com o resultado disso.

ÂNGELA

Boa sorte. Cê também se casou?

JÉSSICA

Não, não. Comecei a trabalhar na empresa e nem tive tempo pras coisas mais.

ÂNGELA

Entendo. Bom, preciso voltar para casa, meu marido deve tá louco já.

08. INT. CASA ÂNGELA - TARDE

Ângela chega em casa e vê o marido deitado no sofá assistindo TV e bebendo uma cerveja. Ele percebe que ela chegou.

MARIDO

Nossa, onde cêtava? Eu to aqui morrendo de fome... Faz alguma coisa pra eu comer.

Ele está em frente à televisão assistindo jogo. Ângela vai até a cozinha e desaba, aperta seu cordão.

09. INT. BANHEIRO DO QUARTO DE ÂNGELA - NOITE

Ângela está sentada no batente, com o teste de gravidez em mãos. O teste é positivo. Ela respira fundo, aperta o cordão e dá descarga.

10. INT. QUARTO ÂNGELA - NOITE

Ângela deita ao lado do marido, que a abraça e beija. Ângela o empurra.

MARIDO

Nossa, cê não era assim... Cadê minha mulherzinha doce e gentil?

Ruído novamente. Ângela segura o seu cordão e deita-se para dormir.

11. INT. ESCRITÓRIO JÉSSICA - DIA

Jéssica está em sua sala, trabalhando. Vicente se aproxima.

VICENTE

Então, fiquei sabendo que cê ganhou uma promoção. Deve ser foda conseguir as coisas só porque é bonita, né?! Se eu fosse mulher, já era o chefe dessa empresa...

O ruído surge novamente. O rosto de Jéssica fica sem emoção, Vicente deixa a sala. Jéssica liga para Ângela.

JÉSSICA

Oi, Ângela, é Jéssica. Tudo bem? Será que podemos nos encontrar na hora do almoço? Então tá, eu passo aí.

12. INT. CASA ÂNGELA - DIA

Jéssica toca a campanha. Ângela a recebe.

JÉSSICA

Nossa, que bom que cê pôde encontrar comigo. Tô tendo um dia daqueles! Cê já fez o exame? Fiz ontem à noite e... deu positivo! E o seu?

ÂNGELA

É... O meu também... Nem sei como vou contar pro meu marido.

JÉSSICA

Olha, você não parece nada feliz. Apesar da minha vontade em ser mãe, eu quero tirar... Sei lá, acho que vai atrapalhar minha carreira, justo agora que fui promovida... Cê também pode fazer isso, conhecer as outras oportunidades por aí...

ÂNGELA

Quem dera! Eu sou casada, e agora grávida... Nunca quis ser mãe, mas seria uma desgraça pra minha família largar tudo, assim. Não posso.

JÉSSICA

Mas se cê tem vontade, deve fazer o que parece certo pra você, o que te faz bem.

Ângela vai para a cozinha.

ÂNGELA

O almoço está pronto. Vamos almoçar, tenho pouco tempo até meu marido chegar.

Ambas se dirigem à cozinha.

CORTA PARA

13. INT. HOSPITAL - DIA

Jéssica está na bancada preenchendo os papeis, quando se depara com um papel que diz: Nome da mãe: ____ e Marido: ____.
Ela vira para a enfermeira.

JÉSSICA

Enfermeira, licença, mas aqui tá errado. Tá pedindo o nome do marido, acontece que eu não tenho marido e também não quero envolver o pai.

ENFERMEIRA

É, homem na hora de fazer... Agora não consegue arcar com as consequências, né?

Um médico aparece e se intromete na conversa

MÉDICO

Cê devia ter se cuidado, menina. A ficha é assim mesmo, pode deixar em branco.

O ruído aparece novamente. Jéssica termina de preencher a ficha e entrega à enfermeira. Ela se senta e espera. Enquanto isso, na televisão passa um comercial.

COMERCIAL

[Gisele Bündchen - HOPE Ensina incommunseries TV](#)

14. INT. CASA ÂNGELA - DIA

Ângela está assistindo ao mesmo comercial. Ela muda de canal e uma música começa a tocar.

MÚSICA

<https://www.youtube.com/watch?v=-g7D-hcE4 M> (O maior castigo que eu te dou)

ou

<https://www.youtube.com/watch?v=c2VeUDJCsEA> (Minha Nega na Janela)

Seu marido chega.

MARIDO

Nossa, Ângela, toda vez que eu chego cê tá nessa televisão. Não tem nada para fazer na casa, não?! Cê anda muito esquisita... Atrasa o almoço, não quer meus carinhos, olha essa casa! Tá uma zona! Eu me matando pra te sustentar e você não faz nada... Assim não dá.

O ruído começa a surgir e para drasticamente.

ÂNGELA

Olha, o seu almoço tá na cozinha, pode esquentar cê mesmo! Não sou sua empregada! Tô cansada! Se tudo isso te incomoda tanto, faça ocê mesmo!

MARIDO

Como assim, isso são modos?! Desde que a gente se casou você só reclama... Vem cá!

O marido de Ângela a segura agressivamente. Ameaça bater nela. Ela se cala. Ele percebe o que está fazendo e vai à cozinha, resmungando...

MARIDO

Era só o que me faltava, uma mulher que não cuida do marido...

15. INT. ESCRITÓRIO JÉSSICA - DIA

Jéssica está em uma reunião da empresa.

CHEFE (voz)

Então, algum de vocês tem alguma sugestão?

Silêncio.

Nas anotações de Jéssica, estão os dados do corte no setor 3, com um lucro em 15%. Vicente espia suas anotações.

VICENTE

Olha, fiz uns cálculos e alcançaríamos um lucro de 15% se houvesse um corte no setor 3.

CHEFE (voz)

Hmm... É uma boa ideia, Vicente. Obrigado. A reunião tá encerrada.

O ruído começa a surgir.

16. INT. CASA JÉSSICA - NOITE

Jéssica está ao telefone com sua mãe.

JÉSSICA

É, eu sei, mãe... A senhora cuidou muito bem da gente sozinha. Eu só não queria estragar minha carreira. Além do mais, ainda não conversei com o cara...

Tudo bem, eu vou pensar. Agora preciso dormir, tô muito cansada.

17. INT. CASA ÂNGELA - NOITE

Ângela está deitada na cama, lendo um livro. Seu marido chega e senta ao seu lado. Ele tira um presente e a entrega.

MARIDO

Sabe, eu queria pedir desculpas por antes. Eu tava muito nervoso. Não vai acontecer de novo. Será que eu posso dormir aqui hoje, com você?

Ângela fica pensativa. Recusa o presente.

ÂNGELA

Você acha que chegar aqui e me dar um presente vai resolver tudo? Eu não preciso do seu dinheiro e nem dos seus presentes!

Acho melhor você ir pra sala... Esse joguinho não vai mais funcionar comigo.

MARIDO

Ah, é?! E quem vai por comida na mesa?

ÂNGELA

Eu tinha uma vida antes de casar com você. Sou formada, consigo emprego. Não dependo de você. Agora queria ver como cê se sairia sem alguém pra colocar comida na sua boca todo santo dia. Agora eu vou dormir. Boa noite.

Ângela deita-se de costas para seu marido. Ele fica nervoso e a vira. Ela olha, assustada.

MARIDO

Olha aqui, cê nunca mais repita isso! Onde já se viu... Agora não deixa eu dormir na minha cama e fica falando essas coisas! Eu faço tudo procê, e cê só reclama... Chega! Eu vou dormir aqui mesmo, e vê se fica quietinha. Nem mais um "a".

Seu marido beija seu pescoço, em que está seu cordão. Ângela vira-se novamente e começa a chorar, em silêncio. Enquanto isso, seu marido está por cima dela, embaixo das cobertas, e a penetra.

18. INT. ESCRITÓRIO JÉSSICA - DIA

Jéssica está entrando na sala, e é abordada por seu colega de trabalho.

VICENTE

Ei, Jéssica, ficou sabendo que também fui promovido? À propósito, meu salário é maior que o seu... Pelo visto o chefe não tá só interessado em rabo de saia... Ele gosta de cérebro, também.

O ruído muda drasticamente.

JÉSSICA

hahaha! Disso eu já sabia... Nunca precisei de mais nada além do meu cérebro para chegar onde eu tô. Aliás, muito boa a sua ideia sobre redução de cortes, hein... Não sei como cê pensou nessa solução...

Vicente engole a seco. Dá um sorrisinho sem graça. Se despede e vai embora.

19. INT. LANCHONETE - DIA

Ângela e Jéssica se encontram para tomar um café. Elas sentam uma de frente para outra.

JÉSSICA

Nossa... Tem um cara no trabalho insuportável. Rouba todas as minhas ideias e ainda fica me insultando. Hoje eu dei uma nele. E ocê, como tão as coisas? Já contou para seu marido?

ÂNGELA

Então... A gente tá brigando bastante. Na verdade, do jeito que as coisas tão, tô com medo de ter uma criança em casa.

JÉSSICA

Nossa, Ângela, isso é sério.

ÂNGELA

Pois é, estou com tanto medo...

JÉSSICA

Sabe, eu ia na clínica essa semana. Já tava tudo marcado, mas acabei desistindo... Conversei com a minha mãe, sabe... Ela criou a gente sozinha, acho que também consigo. Enfim, se cê tiver interessada, pode ir no meu lugar.

Ângela para de beber e olha fixamente para Jéssica.

CORTA PARA

20. INT. CASA ÂNGELA - DIA

Ângela está em casa, vendo TV. Ela está vendo um filme em que o marido começa a agredir a mulher. Ela se assusta, vai até o quarto.

21. INT. QUARTO ÂNGELA, DIA

Ela coloca várias coisas em sua bolsa e sai, apressada. Na sua cômoda está seu cordão, junto a uma carta. Ela apaga a luz.

CORTA PARA

22. EXT. LOJA - DIA

Ângela está em uma loja infantil. Ela compra um sapatinho de neném.

23. EXT. LANCHONETE NA RODOVIÁRIA, DIA

Ângela encontra com Jéssica.

JÉSSICA

Que bom que cê veio! Deu tudo certo?

ÂNGELA

Nossa, como cê tá linda, adorei seu vestido! Deu tudo certo sim, ainda bem... Tenho um presente pra você.

Ângela entrega os sapatinhos pra Jéssica, que sorri.

Ângela

Eu mesma que fiz!

JÉSSICA

Que fofura! Muito obrigada, Ângela. Bom, então vamos?

Jéssica e Ângela se dirigem à plataforma de embarque. O ônibus chega. Elas se abraçam e Ângela entra no ônibus.

24. EXT. ÔNIBUS - DIA

Ângela olha para o horizonte da janela do ônibus, que está em movimento.

FIM

5.2 Pré-produção das gravações

Com o roteiro pronto e o fim da greve próxima, me reencontrei com a Karina e já começamos o processo de pré-produção das gravações. Com um novo calendário, nos organizamos para tentar produzir o curta em Novembro ou Dezembro, e então o resto do semestre ficaria com a pós-produção e alguns ajustes finais. Logo, comecei a procura de atores. Também entrei em contato com a Macaca Filmes, uma produtora audiovisual, para que eles pudessem me ajudar na produção, principalmente na parte de gravar o curta. Eles possuem equipamentos e já estão mais habituados com esse processo e me ajudariam muito, uma vez que os recursos da faculdade na área audiovisual talvez fossem insuficientes para a gravação. Por exemplo, os equipamentos de áudio são limitados e isso poderia prejudicar o trabalho final. A Macaca topou participar do projeto, apenas pediu que avisasse com antecedência os dias em que iria gravar para eles se organizarem.

5.2.1 Atores

Fiz mais uma leve alteração no roteiro, depois do que discuti com a Karina e fui atrás dos atores. Publiquei nos grupos de Artes Cênicas sobre o projeto e que estava querendo atores, fiz uma breve descrição deles e do que estava procurando. Logo comecei os testes.

O primeiro teste que fiz foi com Alessandra Reis, que estava tentando o papel de Ângela. Ela era mais da área de teatro e não tinha muito contato com o cinema ou com a câmera. Ela havia lido o roteiro e o achou interessante. Como estava gravando o teste, percebi que ela se sentia intimidada com a câmera. Pedi para ela que fizesse a leitura novamente, mas dessa vez com mais naturalidade. No final, sua atuação foi convincente e pensei que poderia até mesmo fazer uma alteração do roteiro para ajudá-la. Ela se encaixava muito bem no perfil, me lembrava muito as características da Ângela, por aparentar essa timidez.

Na mesma semana, fiz um teste com a Heloisa Mandareli e o Elias Neto, eles são amigos e já estão acostumados a trabalhar juntos, então pensei que o teste poderia ser os dois

juntos. Mande o roteiro para eles via e-mail e pedi que reproduzissem a última cena da Ângela e do marido, em que ela é abusada fisicamente (Cena 17). O teste foi feito em uma sala no Icsa, eles disseram que leram o roteiro, mas que não se prepararam para nenhuma atuação. Dei o tempo necessário para se prepararem. Como a cena em si já era tensa, achei a atuação deles muito boa. Consegui ficar tensa só no teste. Eles tinham química, não tive dúvidas de que eles seriam o casal.

No mesmo dia, eu combinei com a Daniela Maia para fazer o teste para o papel de Jéssica. Um pouco mais tarde do teste da Heloisa e do Elias, a Daniela apareceu e fez o teste dela. Ela leu algumas cenas em que a Jéssica conversava com a Ângela, e eu ajudei lendo as falas da Ângela. Ela me disse que estava acostumada a fazer teatro, que é basicamente para o que o curso de artes cênicas da UFOP prepara os alunos. Então logo de início pude perceber que ela tinha muito de teatro nos gestos, e até mesmo na fala. Ainda assim, não senti que isso prejudicaria o produto. Como havia mais algumas atrizes querendo o papel, resolvi esperar.

No dia seguinte, eu encontrei com o Tarcísio Vória que havia se identificado com o personagem Vicente. Fizemos um teste na casa da minha amiga, pois era final de semana e o Icsa estava fechado. Ele já havia participado de curtas e até mesmo de um longa, então já tinha experiência na área audiovisual. Estava fazendo a faculdade só para se especializar. Como eu disse, ainda tinha duas atrizes para fazer o teste, ambas para o papel de Jéssica. Já estávamos no meio de novembro e eu precisava fechar os atores, locações, figurino, cenário, etc., para começar as gravações e não ultrapassar o prazo que tínhamos planejado. Essas duas atrizes já haviam marcado e desmarcado comigo duas vezes, então já estava receosa do comprometimento delas. Uma acabou desistindo e consegui fazer o teste com a outra, a Cíntia Luana. Ela soou forçada, como eu fiz o teste sozinha, acabei montando um monólogo com os pensamentos de Jéssica para que ela reproduzisse.

Ainda havia mais pessoas interessadas em participar, mas que acabaram desistindo ou que ficaram me enrolando para fazer o teste, então, como eu não queria fugir do prazo, e com mais coisas para resolver, eu fechei com os atores. Ficou a Heloisa no papel de Ângela, o Elias no papel do marido dela, a Daniela como Jéssica e o Tarcísio como Vicente.

5.2.2 Locações

Com os atores definidos, eu comecei a procurar locações. Eu iria precisar, basicamente:

- Casa da Ângela;
- Uma lanchonete;
- Um escritório;
- Rodoviária;
- Hospital;
- Farmácia;
- Algumas cenas externas;

A casa da Ângela eu já tinha a ideia de fazer na casa de um casal de amigas, pois elas haviam se mudado há pouco para morarem juntas e a casa delas é bem no estilo "casa de uma família tradicional". Elas toparam e ficaram empolgadas com o projeto, então foi bastante acessível. Os cômodos da casa que eu mais gostei eram a cozinha e a sala. O banheiro era bem estreito e como eu estava pensando em filmar a cena do banheiro com a Ângela de frente, não daria para fazer. O quarto delas também era um quarto bem simples, que talvez não encaixaria tão bem em uma cinematografia. Por isso eu preferi fazer a cena do banheiro, que era mais fácil, em uma república ao lado que tinha um banheiro maior. E, as cenas do quarto, eu tentei em hotéis se seria possível eu gravar em um quarto deles, mas como ocorreu o rompimento das barragens, muitas famílias estavam abrigadas nesses hotéis e eles estavam sem quartos vagos. Então, depois de conversar com minha orientadora, optamos por gravar as cenas do quarto na casa das minhas amigas mesmo.

A lanchonete eu havia pensado no Subway, que fica próximo ao jardim. O ambiente é bem iluminado e bem decorado. Mas, ao falar com o gerente, ele disse que qualquer franquia da Subway está proibida de exibir a imagem sem autorização da empresa. Então tive que descartá-la. Em Mariana tem uma outra lanchonete com uma decoração parecida que é a Sanduíche Brasil. Ela foi sugerida pela Karina como uma segunda opção. Apesar de ser um pouco mais escura, eu consegui autorização e decidi gravar lá.

O escritório acabou sendo a própria sala da minha orientadora, ela divide a sala com outra professora que aceitou que gravássemos lá. Agendamos um dia e um horário em que a sala estivesse vazia. O hospital, também uma sugestão da Karina, foi o Centro de Saúde da UFOP. Eu fui lá e consegui autorização, só precisei também agendar o dia para que as pessoas que estivessem trabalhando lá fossem avisadas.

As cenas externas, e também a cena da farmácia eu preferi deixar para fazer na hora. Optei por gravar em Ouro Preto, por achar a cidade mais atraente e fotogênica. A ideia era não mostrar dentro da farmácia por causa das marcas dos produtos, então queria mostrar a

placa da farmácia, no estilo antigo de Ouro Preto, porque assim identificaria como uma farmácia. As cenas externas seriam, basicamente, uma praça ou jardim. A praça próxima do campus, onde faríamos a gravação no Centro de Saúde, era ideal.

5.2.3 Cenário, figurino e extras

Com os atores e as locações selecionadas, ainda faltava detalhes como cenário que iria precisar montar, figurino, objetos de cena, por exemplo, o colar que a Ângela usa na maioria do curta, entre outros. Eu separei dois dias para ficar olhando somente essas coisas. Conversei com os atores e eles disseram que poderiam, sim, arrumar as roupas. Ainda pedi que fotografassem antes para eu aprovar. A única exceção foi a Daniela, que precisou de camisas extras.

Para representar o machismo em Ângela, ela possuía o colar, mas Jéssica não possuía nada que demonstrasse sua repressão e emancipação, então escolhi roupas escuras no início e fui deixando em tons mais claros, para no final ela usar um vestido branco que pudesse representar sua emancipação.

Não tive muita preocupação com o cenário, pois os ambientes que selecionei já estavam caracterizados. Na casa da Ângela, mantive a cozinha e a sala, somente acrescentei um banco no quarto para ficar o livro da Ângela. No escritório, apenas retirei itens que identificavam o ambiente como sala de faculdade. No Centro de Saúde, havia um panfleto do SUS pregado ao fundo, mas optei por mantê-lo para caracterizar mais como um hospital. Com receio de que clínicas públicas fossem associadas a clínicas de aborto, preferi excluir o diálogo em que Jéssica diz que conhece uma clínica segura.

Os principais itens que seriam necessários eram o colar, o presente que a Ângela dá à Jéssica no final, alianças, rádio, o presente que o marido dá à Ângela quando brigam, e alguns outros detalhes. Fiz uma tabela, divida por cenas, em que apontava o que seria necessário em cada cena, além de quem iria participar e onde ela seria.

	LOCAÇÃO/A MBIENTE	ATORES	FIGURINO	ACESSÓRIOS	EXTRA
CENA 01	Cozinha	Ângela e Marido	Vestido 01, Roupa social 01	Cordão	
CENA 02	Escritório	Jéssica e Vicente	Roupas neutras 01		
CENA 03	Escritório	Jéssica	Roupas neutras 01		
CENA 04	Escritório	Jéssica	Roupas neutras 01		
CENA 05	Rua	Jéssica e homem	Roupas neutras 01	Bolsa	
CENA 06	Farmácia	Ângela e Jéssica	Vestido 01, Roupa neutra 01	Cordão, teste gravidez, 2 bolsa	Televisão
CENA 07	Lanchonete	Ângela e Jéssica	Vestido 01, Roupa neutra 01	Cordão, teste gravidez, 2 bolsa	2 Xícaras
CENA 08	Sala	Ângela e Marido	Vestido 01	Cordão, bolsa	Televisão, cerveja
CENA 09	Banheiro	Ângela	Pijama	Cordão, teste gravidez	
CENA 10	Quarto	Ângela e Marido	Pijamas	Cordão	
CENA 11	Escritório	Jéssica e Vicente	Roupas neutras 02	Telefone	
CENA 12	Sala	Ângela e Jéssica	Vestido 02, Roupa neutra 02	Cordão	
CENA 13	Hospital	Jéssica, Enfermeira e Médico	Roupa neutra 02, Jalecos	Bolsa	Prancheta, televisão
CENA 14	Sala	Ângela e Marido	Vestido 02, Roupa social 02	Cordão	Televisão
CENA 15	Escritório	Jéssica, Vicente e Chefe	Roupas neutras 02		
CENA 16	Quarto*	Jéssica	Roupas neutras 02	Telefone	
CENA 17	Quarto	Ângela e Marido	Pijamas	Livro, presente, cordão	
CENA 18	Escritório	Jéssica e Vicente	Roupas neutras 03		
CENA 19	Lanchonete	Ângela e Jéssica	Vestido 03, Roupa neutra 03	Cordão, bolsas	
CENA 20	Sala	Ângela	Vestido 03	Cordão	
CENA 21	Quarto	Ângela	Vestido 03	Cordão, Mala, Roupas, Carta	
CENA 24	Rodoviária	Ângela e Jéssica	Vestido 04, Vestido 05		
CENA 25	Rodoviária	Ângela e Jéssica	Vestido 04, Vestido 05	1 bolsa, 1 mala	Ônibus

Tabela 1: Locações e cenas

Fonte: Elaboração do autor

Sabendo exatamente tudo o que eu iria precisar, fui atrás dos objetos. O colar eu mesma tinha um antigo guardado, achei bonito e decidi usá-lo. O sapatinho de bebê foi extremamente difícil de encontrar. Em todas as lojas que eu ia, quando dizia que queria um sapatinho de bebê, a primeira pergunta que faziam era: "É menino ou menina?" Como eu não queria isto definido, até porque seria um presente da Ângela para a Jéssica, foi muito difícil encontrar um sapato neutro. Um dos mais bonitos que eu encontrei foi um sapato simples de tricô, então achei que ficaria sensato se a Ângela dissesse à Jéssica que ela mesma o fez. Eu até queria uma cena em que mostrasse a Ângela tricotando para fazer mais sentido. Infelizmente houve um erro de produção e as agulhas não foram encontradas. Também excluí a cena em que a Ângela procurava sapatinhos de bebê (cena 22).

O presente que o marido dá achei apropriado ser uma flor, para remeter ao falso romantismo de que tudo se resolve com um presente, que geralmente é uma flor. A minha

amiga, que me ajudaria nas gravações, tinha um vaso de flores brancas ideal. O restante dos itens eu mesma arrumei, pois eram coisas que eu já possuía.

A data do curta já estava definida, mas o cronograma não. Com todos os itens em mãos, o cenário e os atores preparados, ficou mais fácil ver qual a melhor forma de gravar as cenas. Eu optei por escolher as cenas de dois atores por dia. O curta inteiro é uma interação entre Ângela e marido, Ângela e Jéssica, Jéssica e Vicente. Por isso, achei melhor gravar as cenas com a Heloisa e o Elias, Daniela e Tarcísio e, por fim, Heloisa e Daniela. Como as cenas do Tarcísio eram menores e as cenas com a Ângela e Jéssica juntas eram maiores, acabei escolhendo esses mesmos dias para já gravar essas cenas. Só seria necessário me preocupar mais com a continuação de cena. Por fim, ficou assim:

SEGUNDA
<p>9h Atores: Daniela e Tarcísio Local: Icsa Cenas: 02, 03, 04, 11, 15, 18 Figurino Jéssica: Roupa 1, 2, 3 Figurino Vicente: Roupa 1, 2</p> <p>15h Atores: Daniela e Heloisa Local: Rua, farmácia, hospital Cenas: 05, 06, 13, 16, 22 Figurino Ângela: Vestido 1 e 4 Figurino Jéssica: Roupa 1 e 2</p>
TERÇA
<p>9h Atores: Heloisa e Elias Local: Casa das meninas Cenas: 01, 08, 09, 10, 14, 17, 20, 21 Figurino Ângela: Vestido 1, 2, 3, 4 e pijama Figurino: Roupa 1, 2 e pijama</p>
QUINTA
<p>9h Atores: Heloisa e Daniela Local: Lanchonete, rodoviária Cenas: 07, 12, 19, 23, 24, 25 Figurino Ângela: Vestido 1, 2, 3, 4 Figurino: Roupa 1, 2, 3 e Vestido 5</p>

Tabela 2: Cronograma de gravações

Fonte: Elaboração do autor

Previamente foram solicitados os equipamentos no almoxarifado para que eu não corresse risco. O pessoal da Macaca Filmes me ajudaria, então não seria necessário câmeras e microfones, apenas equipamento de luz. Infelizmente, em cima da hora, eles desmarcaram comigo. Então fiquei sem opção e decidi gravar com meu material mesmo, uma câmera DSLR Canon 60D, meu microfone Rode Videomic Pro. Como tenho bateria reserva e também variedade de lentes, seria suficiente.

5.3 Gravações

Na segunda, então, começariam as gravações. Mas as cenas do escritório não puderam ser gravadas porque ainda não tinha a autorização para acessar a sala da minha orientadora. Tive que remarcar para a próxima segunda, que era o horário disponível dos atores. Na parte da tarde, que seriam as cenas externas, choveu muito e então também não pude gravar. As cenas também foram adiadas para a próxima segunda.

Na terça, as cenas seriam internas, e então deu tudo certo. Não choveu, os atores chegaram na hora. Como eu não possuía mais o apoio da Macaca, chamei um amigo para gravar comigo, o Aprígio Vilanova. Ele pôde me auxiliar e fez a maioria das cenas na casa. A Amanda Sereno, que foi a que emprestou o vaso, também estava lá para ajudar no que fosse preciso. As gravações ocorreram tranquilamente, ficando bastante livres às sugestões tanto do Aprígio, que estava filmando, como dos atores.

A cena da bolsa (cena 08), em que Ângela chega em casa e coloca a bolsa na mesa, o plano muda para um plano detalhe na bolsa e ela aparece ao fundo, em segundo plano, foi uma ideia do Elias. Uma das cenas finais, em que a Ângela está fazendo as malas, sai do quarto e fecha a porta, foi uma ideia do Aprígio. Todos estavam em sintonia, entendendo bem o roteiro, empolgados e ocorreu tudo bem. A Amanda ajudou bastante, havíamos esquecido as alianças e ela foi comprar. Ela também comprou lanches enquanto estávamos gravando a última cena. Ficamos praticamente o dia inteiro gravando.

A cena mais difícil, obviamente, foi a do abuso. A Karina estava preocupada em como ela seria produzida e como seria exposta no curta. Eu queria um plano detalhe no cordão. Por fim, improvisamos a câmera, no tripé, e subimos num banquinho para termos distância da cama e conseguimos gravar o cordão. É uma das minhas cenas favoritas pois o cordão está brilhando e, dessa forma, ele se destaca ainda mais.

Já uma cena que não me agradou muito foi a cena do banheiro. A Ângela não levanta muito o teste de gravidez, o banheiro estava pingando em algum lugar e isso apareceu na

gravação; a cena ficou escura e, por último, quando a Ângela dá descarga, um pedaço da calça jeans dela aparece, sendo que na próxima cena ela está de pijama. Só percebi isso quando vi o material bruto, o que foi um erro, mas foi possível consertar na edição. No final, foi um dia muito produtivo e todos saíram satisfeitos.

Na quinta, as cenas eram na rodoviária e na lanchonete. O Aprígio trabalha na parte da manhã e não pode ir comigo. A Amanda viajou em função do trabalho de conclusão de curso dela. Meus outros amigos também estavam ocupados, por isso fui sozinha. Por estar sozinha e já com muitos equipamentos, não levei iluminação.

Preferi fazer as cenas na rodoviária de manhã, por achar que teria menos movimento e, conseqüentemente, menos ruído. Não conversei com ninguém previamente, então improvisei com o ônibus que encontrei e estava disponível, assim como os planos. Cheguei com antecedência para ver onde seria melhor gravar, comecei fazendo um plano externo da rodoviária. Ele não ficou muito bom porque o chão não estava plano e o tripé ficou torto. Então fiz a cena em que a Jéssica recebia o presente na entrada da rodoviária e descemos para gravar a cena do ônibus. O único ônibus que apareceu e aceitou que gravássemos era um ônibus da APAE. Pedi informações ao motorista para colocar nos créditos mas ele disse que não tinha. Como o ônibus estava parado, esperando os passageiros para sair, tive que improvisar no movimento da câmera para dar a ideia de movimento do ônibus. Então coloquei a câmera no tripé, foquei na Ângela e fiz uma espécie de panorâmica no ônibus. Ele estava com as portas abertas, então a cena acabou ficando curta, mas deu certo.

Assim, viemos para Mariana para gravar as cenas da lanchonete. Eu já havia conversado com a gerente e marcado nessa data, que ela mesma escolheu. Eram cenas rápidas e como ainda estava cedo, dava para terminar tudo na parte da manhã. A maior dificuldade foi o ruído, tanto de pessoas que transitavam pelo local, como das máquinas da lanchonete, carros e motos passando, além de outras conversas aleatórias. Mesmo com um microfone direcional, não foi possível escapar desses ruídos, então foi mais um trabalho para a edição. O local estava vazio, mas ainda assim, em um momento, uma criança passou bem em frente à câmera quando estávamos gravando. As cenas foram repetidas de três a quatro vezes, em cada ângulo: plano geral e plano mais fechado em cada personagem, Ângela e Jéssica. Ao final, peguei o cartão da lanchonete para colocar os créditos no curta, com as informações necessárias. Terminamos já na hora do almoço, ainda precisávamos gravar algumas cenas que aconteciam na casa da Ângela. Então, almoçamos e nos dirigimos para a casa das minhas amigas, Luanna Gerusa e Ana Teresa Barroso.

Eram poucas cenas e aparentemente fáceis, mas acabou sendo uma das cenas mais difíceis de se fazer. Foi a cena 12. É um diálogo entre Jéssica e Ângela sobre os testes de gravidez que deram positivo. Ângela está desabafando e Jéssica tenta consolá-la, assim como também fala da sua vontade em ser mãe. Como estava sozinha e a menina que estava na casa iria sair logo, não pude fazer ângulos diferentes. A primeira vez que rodamos, tanto a atuação como os ângulos ficaram ruins. Pedi que fizéssemos mais uma vez, dessa vez aproximei a câmera e continuei a cena, com elas sentadas no sofá. Ainda tivemos ruído, com sons de carros e motos que passavam do lado de fora da casa, e também a cachorra Lola, que quando ouviu a campanha não parava de latir. Por isso, optei por colocar o som da campanha na edição. Após várias repetições, me dei por satisfeita com a última cena. Foi, com certeza, uma das cenas mais problemáticas. Depois dela, encerramos as gravações do dia.

Na outra semana, segunda, ficamos de gravar o restante das cenas. Eram basicamente as cenas externas da Ângela e Jéssica e as cenas do escritório. Comecei de manhã, na sala da minha orientadora, pois era o horário que havíamos combinado. Dessa vez, o Aprígio também não pode me ajudar, então também tive que filmar. Minha amiga, Raquel Satto, separou o dia para me ajudar. Alteramos um pouco a sala, tiramos algumas coisas que descaracterizavam a sala como um escritório. Como havia duas mesas com computadores muito próximas, pensamos que seria melhor fazer com que a Jéssica e o Vicente dividissem o mesmo escritório, mais um motivo por ele pegar tanto no pé dela. Com isso, tivemos que mudar algumas cenas que se passavam no corredor, mas nada que alterasse, de fato, a história. O Tarcísio já estava acostumado com gravações e deu dicas de cenas. Um exemplo foi quando ele se aproxima da mesa de Jéssica, e, quando ela vai pegar um clipe, ele se apressa para pegar também, dando essa ideia de competitividade. Acabei fazendo um plano detalhe para aumentar a rivalidade entre eles.

Tivemos um problema com continuidade de cena. A Daniela havia esquecido a regata branca que usou no dia das gravações com Heloisa, e também o batom vermelho. A Raquel conseguiu comprar uma regata na hora e conseguimos filmar, mas atrasou um pouco. O batom, acabamos usando um outro parecido que ela tinha. Foi uma gravação tranquila, os atores já se conheciam. A cena da reunião, quando fomos gravar, percebemos que a mesa estava muito vazia e que não estava aparentando ser uma reunião. Chamamos alguns estudantes que estavam no Icsa e pedimos que participassem. Um já estava com o notebook e optamos por deixá-lo aparecer em cena, para caracterizar mais como reunião. A outra menina estava com uma regata simples, e então vestimos uma blusa reserva que tínhamos para ela ficar mais “séria”. Peguei seus dados para colocar nos créditos. Como não tinha um ator para

ser o chefe, e também como não queria colocar mais atores no curta, pensei em usar somente uma voz, masculina, para representar o chefe, já que seria necessário a fala dele. No dia das gravações não estávamos com nenhum homem, além do Tarcísio, então a Raquel acabou falando para que eu pudesse substituir por uma voz masculina depois, já sabendo o tempo exato para a edição. No final, almoçamos e fomos para Ouro Preto, já que as últimas cenas seriam lá.

No caminho, o ônibus atrasou pois a polícia militar parou em busca de um fugitivo, e ainda precisávamos parar antes e comprar os jalecos. Com isso, tivemos um atraso de meia hora ou mais. Quando chegamos ao campus, ainda precisávamos ir no Departamento de Artes (DEART) encontrar com os atores que seriam o médico e a enfermeira. Por fim, chegamos ao Centro de Saúde. Como já havia pedido autorização, foi só avisar à recepção de que queríamos gravar a cena. Ocupamos um pequeno pedaço da bancada. O atraso nos prejudicou um pouco, pois eram quase quatro horas da tarde e o Centro de Saúde costuma fechar às cinco. Também não queríamos demorar muito, para não atrapalhar quem realmente trabalha lá. E não havia necessidade de várias repetições, eram apenas três planos: a televisão, para passar a propaganda, a cena da bancada em que o médico aparece, e um plano detalhe na folha que desse para ver “nome do marido”. Tivemos um problema com ruído, que era um filtro de água elétrico que disparava em alguns momentos, então pausávamos para que ele não aparecesse. Não pedi para desligá-lo para não incomodar. E, apenas quando fui gravar o plano detalhe, percebi que uma das lâmpadas estava piscando, e deu a impressão de haver um erro na filmagem, mas isso também não poderia ser corrigido.

A Heloisa já estava junto à equipe e pôde ajudar também nesse processo. Assim que a gravação acabou, fomos então à praça próxima ao campus para filmarmos. No caminho, procuramos farmácias com a placa que eu havia imaginado. Encontramos uma que não era bem uma placa, mas seria atraente para filmar, aparentando ter um estilo mais retrô. Infelizmente a gerente não estava presente e as funcionárias não nos permitiram gravar. Dessa forma, tive que descartar a placa.

Por fim, encontramos uma farmácia que aceitou que gravássemos. A gerente estava presente e disse que naquele horário havia muito movimento, então teríamos que ser rápidas. O espaço não era muito grande, e para impedir que rótulos aparecessem, fiz planos mais fechados, com a lente 50mm, em uma abertura bastante grande. Dessa forma, me aproximei do objeto ao máximo para conseguir ainda mais desfoque. Feito isso, tudo estava pronto e começamos a gravar. Ela também não possuía televisão então descartei a propaganda que apareceria.

A farmácia era aberta, então quando os carros passavam, era possível captar o som deles, o que gerou bastante ruído. Senti uma dificuldade nas atuações. Não estava ficando satisfeita com o resultado, então mudei um pouco o ângulo do quadro e refiz mais duas ou três vezes, para que saísse como planejado. Pelo fato do plano estar fechado, a posição das atrizes era extremamente importante para que tudo ficasse em cena. Por fim, deu tudo certo. Não foi uma cena tão rápida e fácil como pretendíamos, mas teve um resultado final agradável.

Partimos, então, de volta à praça. Enquanto eu estava gravando as cenas da farmácia, a Raquel, minha amiga que estava me ajudando, foi em busca do figurante, que cantaria a Jéssica enquanto ela caminhava. Terminamos a gravação e ela já havia encontrado alguém, um estudante, também. Não era uma cena complexa e não demandava nenhuma atuação extrema, então não fui seletiva. Peguei seus dados para colocar nos créditos. Essas últimas cenas gravadas eu deixei muito ao acaso, não tendo me preparado previamente, nem das locações e nem dos figurantes. Mas, com sorte, ajuda e persistência, obtive um resultado final positivo. A última cena a gravar foi completamente tranquila. Filmei em ângulos diferentes para ter opção, esperei quando tinha menos carros passando para que o ruído fosse menor e, como era uma cena rápida, não apareceu muito. Encerramos as filmagens do dia e também do curta.

5.4 Pós-produção

Tendo todo o material gravado, comecei o processo de pós-produção. Separei as filmagens por dia e assisti a tudo. Fiz uma breve decupagem das melhores cenas. Em Janeiro comecei a edição propriamente com o programa Adobe Premiere Pro. Fiz as montagens de cena, os cortes necessários e, como já havia o material decupado, consegui finalizar tudo em dois dias. Estando o material totalmente bruto, assisti e já fiz pequenas alterações. A minha dificuldade foi a mudança de plano, quando havia um diálogo, por exemplo, para manter a continuidade de cena de forma natural. A maior dificuldade foi, novamente, a cena em que Ângela e Jéssica conversam na casa da Ângela (cena 12). Era o que eu tinha mais material e ainda assim, não conseguia juntar as cenas para manter a continuidade, então acabou ficando um pequeno corte quando Ângela começa a sentar.

Eu precisava de músicas e propagandas que iriam passar na rádio e televisão. As propagandas já estavam definidas mas eu deixei em branco pois seria necessário o uso do Adobe AfterEffects e eu não possuo um bom domínio do software. Na primeira cena, Ângela está ouvindo rádio e a música é interrompida para uma notícia. Eu coloquei a música que já

havia programado e, apenas para teste, utilizei um leitor de voz virtual para organizar a duração da cena. Ela ainda ficou um pouco extensa e há possibilidade de encurtá-la.

O ruído também foi algo que me incomodou bastante. Nas cenas da lanchonete, é possível ouvir o barulho das máquinas e acaba atrapalhando o diálogo entre as personagens, até mesmo porque um dos planos foi mais aberto, para pegar as duas. Então eu tive que editar o som no Adobe Audition. Para manter o som limpo e linear, tive que editar todo o som do material selecionado. Como eram muitas cenas, demorou mais que o esperado.

A primeira versão, ainda com o material bruto, sem as propagandas, sem trilha sonora, sem inserção de textos ou créditos, estava pronta. Era só um esqueleto para ver como ficaria o curta, se estava tudo casando bem. O que pude notar foi que, como a cena do abuso era muito forte, e ainda havia muitas cenas com o marido, o tema do curta, que deveria ser maternidade e aborto, estava um pouco apagado. Querendo ou não, a questão do relacionamento abusivo estava com mais destaque. Fiquei preocupada em relação a isso e, caso estivesse mesmo acontecendo, deduzi que teria que acrescentar essa parte sobre relacionamento abusivo no memorial.

Ao conversar com a Karina, e mostrar a primeira versão, ela também achou que o foco se perdeu um pouco. Algo que já estava acontecendo desde o roteiro, na verdade. Porém, ela sugeriu que fizéssemos cortes nas cenas do marido, talvez excluir a cena do abuso. Fazer uma versão com e sem o abuso para ver qual ficaria melhor. E também, em vez de colocar as propagandas que havíamos pensado, colocar propagandas relacionadas à maternidade. Ela também achou a atuação da Daniela pouco convincente e sugeriu que diminuísse as cenas em que ela aparecia, e também torná-las mais rápidas.

Para manter o tema principal, que é maternidade, e por ter escolhido propagandas que falassem mais da objetificação da mulher, tive de buscar novas propagandas. O prazo já estava ficando curto, então não tive muito tempo para isso. Acabei selecionando propagandas mais antigas, com medo dos direitos autorais, e as que pude encontrar para download. A maioria foi encontrada no YouTube. As cenas das propagandas já estavam no material bruto, mas sem o tempo correto. Só precisei ajustar esse tempo e também editar o vídeo da propaganda para dar a impressão de que ela estava passando na televisão. Deu bastante trabalho e para cada propaganda tive que fazer uma nova edição e diferente das demais, para encaixar perfeitamente ao tamanho da televisão e ficar natural.

Em relação à trilha sonora, a Karina sugeriu que tivéssemos uma trilha original, para acrescentar credibilidade ao curta. Eu cheguei a procurar alunos de música da UFOP para ver se seria possível, porém não encontrei alunos com o estilo que estava procurando e como o

prazo estava ficando cada vez menor, não quis arriscar. Assim, tive que utilizar de músicas já existentes. Procurei em sites livres de direitos autorais, como Jamendo, EpidemicSound, entre outros. Eu queria uma coisa limpa, nada sensacionalista, apenas para dar um clima à cena. Foi muito difícil encontrar a trilha, e montá-la nas cenas. Como eu nunca tive experiência com trilha sonora ou até mesmo na montagem de um curta, não sabia ao certo como proceder. Apesar da dificuldade, foi extremamente gratificante.

No início do roteiro, quando as mulheres interagem com os homens, elas não possuem voz. A proposta era substituir a voz delas por um ruído, que a priori havia pensado em um som irritante, mas a Karina sugeriu algo voltado à casa, como panelas, algo assim. Elas não teriam voz por estarem reprimidas pelo discurso machista. Logo, com a união entre elas, elas iriam confrontar os homens e assim o ruído pararia drasticamente.

Com a edição das imagens eu já estava mais familiarizada. E também por já saber o que eu queria, foi menos complicado. Queria tons pastéis e uma iluminação que caracterizasse como de cinema, mesmo. Editei quadro por quadro para que as imagens ficassem com a mesma intensidade de luz, o mesmo tom amarelo e ficassem contínuas, mesmo que, por serem gravadas em ambientes com iluminação diferentes, haveria uma pequena diferença entre os quadros. A intenção era amenizar essas diferenças da melhor forma possível e de acordo com o desejado.

Com as propagandas e trilha inseridas, o curta estava praticamente pronto. Faltava, é claro, o título. Queria um título que chamasse a atenção das pessoas, que não fosse extenso e captasse a essência do curta-metragem. Depois de meses, desde o início até a conclusão do curta, estive pensando no título e foi, provavelmente, a coisa mais difícil que tive de fazer. Por fim, o título ficou *Parto*, para representar a gravidez e também a partida de Ângela. Também pois Ângela teve um tipo diferente de parto, ela decidiu por sua vida.

Após a banca, segui as sugestões dos professores. A primeira sugestão foi mudar o título para o final, quando Ângela entra dentro do ônibus, e achei que daria mais sentido dessa forma. Algumas cenas ficaram caricatas e havia a possibilidade de melhorá-las, e era a cena do marido assistindo TV e a primeira cena do curta, em que Ângela cozinha. Não quis mudar a música da primeira cena, mas mudei para uma parte em que ele não ofendia a mulher, e também mudei o que o locutor dizia. Na cena do marido, apenas troquei o som de uma narração de jogo de futebol para uma chamada de filme da sessão da tarde.

Havia também a preocupação em relação aos direitos autorais, e tentei ocultar a logo da Renner com um círculo cinza, para não associar a marca com aquele posicionamento. Ainda há o risco pelos direitos autorais, mas como encontrei essas propagandas no YouTube,

acredito que não haverá problema em publicar o curta online. A preocupação é na exibição de alguma Mostra, já que a intenção é divulgá-lo, tanto por minha parte como da equipe envolvida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de se fazer um curta-metragem ficcional foi representar o machismo tão presente na nossa sociedade, especialmente no Brasil. É um assunto de extrema importância que, mesmo ganhando cada vez mais espaço, ainda é pouco discutido.

Ser mulher não é nada fácil. Nascer e ter seus comportamentos, vestimentas, aparência programados e julgados assiduamente é algo duro de suportar. E nenhuma mulher precisa. Aliás, ninguém.

A luta do feminismo por igualdade de direitos sempre existiu e é constante. Mesmo com sua força ascendendo, dar voz às mulheres e fazer com que elas tenham um espaço reservado para discutir questões de gênero e seu papel na sociedade é fundamental para a obtenção de uma transformação significativa.

O curta-metragem “Parto”, mesmo contando uma história, consegue representar bem essa realidade. A realidade da mulher que, não somente é vista diferente do homem, mas perde seu protagonismo e sua voz diante das situações machistas. A história pretende trazer isso à tona, mas, junto a essa realidade, propor caminhos alternativos para a emancipação da mulher.

É interessante pensar no cinema como esse instrumento de disseminação de ideais políticos e sociais, afastando-se do âmbito de puro entretenimento. Cinema pode entreter e comunicar, fazer refletir, trazer consigo uma temática que abranja as questões sociais imprescindíveis para a atualidade.

Afinal, o cinema é um meio de comunicação, assim como a televisão, a rádio, a grande mídia em geral. Por existirmos em uma sociedade machista e coberta por preconceitos, é costumeiro nos deparar com esses discursos na própria mídia assim como nos filmes, em sua maioria comerciais. Havendo sempre exceções e uma corrente contrária a esses valores, mesmo que minoritária.

Os objetivos eram discutir o cinema e sua importância na representação social e também como um instrumento de reflexão, algo que já acontecia desde seus primórdios. E usar dessas ferramentas audiovisuais para discutir o feminismo sem citá-lo diretamente, apenas expondo situações corriqueiras. Dentro dessas situações, a mídia estaria inserida como uma disseminadora dos discursos machistas.

Acredito que os objetivos foram alcançados, a maioria das pessoas que apresentei o curta se identificou e pode perceber o que estava em pauta, gerando uma problematização positiva e produtiva. A mídia também aparece, e quis deixar claro que mesmo que a

comunicação seja uma maneira de levar informações e de gerar desconstrução, como feito no curta, ela também pode contribuir com ideologias que favorecem o patriarcado.

Por se tratar da minha primeira experiência com um curta-metragem, com a criação de um roteiro, escolha de atores, locações e todo o processo de produção audiovisual, o resultado foi surpreendentemente satisfatório. A segunda etapa do projeto foi toda dedicada à produção, com estudos sugeridos por minha orientadora, uma análise crítica de filmes em busca de inspirações, e até a pequenos testes para colocar toda a teoria em prática com antecedência.

Além de toda a dedicação, ainda contava com a ansiedade de dar os primeiros passos em uma área a qual sou extremamente apaixonada e, como se não bastasse, podendo exibir um tema que me contempla tanto. Apesar de todo o estresse que esse período pode e traz para quem o percorre, e incluindo todo o aprendizado do curso, também pude me aventurar e me deleitar durante o projeto.

“Parto” conta a história de Ângela e Jéssica, mas poderia ser sobre qualquer mulher. A realidade que as personagens vivem, infelizmente, é recorrente. E é ainda pior se paramos para pensar que nem sempre há um final feliz. Esse curta pretende dar o final feliz que muitas mulheres não tiveram e, quem sabe, possa abrir os olhos para que mais mulheres vão ao encontro de sua autonomia e felicidade.

A questão do aborto é de suma relevância. À mulher é conferido o papel de mãe, em uma forma instintiva, como se fosse natural de toda mulher a maternidade. Mulher e mãe são duas coisas que andam juntas, indiscutivelmente, sob os olhos do machismo. Mas esse olhar é cego, limitado, insuficiente.

Nem toda mulher deseja ser mãe, almeja e anseia por isso, como se sua vida dependesse somente disso. Nós somos livres para fazer nossas escolhas, seja ela ter filhos ou não, e também poder escolher quando tê-los. A maternidade não é como uma casa em que é possível alugá-la e depois se mudar. Ela é permanente. Por isso a necessidade de ponderar a real vontade e momento para uma situação tão delicada e definitiva.

Quando Ângela decide partir rumo à sua vida, e abandona os valores a ela difundidos, ela se liberta. Rompe com todo o machismo que a impedia de ser feliz, de ser ela. E passa a ser mulher, livre para realizar suas escolhas. Um direito que lhe devia ser resguardado.

E Jéssica, ao preferir ter o bebê, sem renunciar à sua carreira e também sem envolver o pai, ela se torna protagonista de sua história. Demonstra que é possível, sim, uma mulher se dedicar à carreira e aos filhos, que não são duas coisas excludentes.

Que muitas Ângelas e Jéssicas possam existir e que elas possam viver donas de suas vidas e não donas de casa, “mulheres de família”. Que elas possam ser, meramente, mulheres.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria de Fátima. **Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate.** PSIC. CLIN., RIO DE JANEIRO, VOL.17, N.2, P.41 - 52, 2005. Disponível em: <<http://scielo.br/pdf/pc/v17n2/v17n2a04.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2015
- BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
- KAPLAN, E. Ann. **A mulher e o cinema: os dois lados da câmera.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e pós-moderno.** Bauru, SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001.
- KYRILLOS, Gabriela de Moraes; ALMEIDA, Larissa Floriano. Mídia: uma ferramenta a favor ou contra a redefinição das características de gênero? **Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p.88-103, dezembro. 2010. Semestral. Disponível em: <<http://www.habitus.ifcs.ufrj.br/index.php/ojs/article/viewFile/105/98>> Acesso em: 15 dez. 21015
- MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial.** Campinas, SP: Editora Papirus, 2012.
- RABIGER, Michael. **Direção de cinema: técnicas e estética.** Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2007.
- SANTI, Heloise C.; SANTI, Vilso J. C. Stuart Hall e o trabalho das representações. **Revista Anagrama**, ano 2, edição 1, 2008. Disponível em: <http://www.usp.br/anagrama/Santi_Stuarthall.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2015
- STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema.** Campinas, SP: Editora Papirus, 2013.
- TURNER, Graeme. **O cinema como prática social.** São Paulo: Editora Summus, 1997.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. **Regulamento de projetos experimentais em jornalismo.** Disponível em: <http://www.icsa.ufop.br/documentos/jornalismo/REGULAMENTO_PROJETOS_EXPERIMENTAIS_JORNALISMO_2013-2.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2015
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, vol. 9, n. 2, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2015
- WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1985.